OS URUBÚS DO HOSPITAL

(PAGINAS DA VIDA ACADEMICA)

POR

Homero Moretzsohn Campista

Estudante do 6.º anno da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

RIO DE JANEIRO
Typ. e Lith. de Moreira, Maximino & C., Quitanda 111

1882

OS
URUBÚS DO HOSPITAL

(PAGINAS DA VIDA ACADEMICA)

POR

Homero Moretzsohn Campista

Estudante do 6.º anno da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

RIO DE JANEIRO
Typ. e Lith. de Moreira, Maximino & C., Quitanda 111

1882

AO LEITOR

Este opusculo foi escripto em 6 dias do anno que findou.

O autor vio-se assaltado por uma formidavel gargalhada e quando deu accordo de si tinha escripto as paginas que se seguem.

— Occurrencias diversas e que não importa mencionar, impediram-no de publicar a sua *gargalhada*. Só agora, em fins de 1882, é que lhe foi possivel dar aos prélos este succo soporifero: tanto peior para os prélos se dormirem eternamente.

Para comprehender, pois, claramente tudo quanto se diz nas paginas seguintes deve o leitor lembrar-se de que as apre-

ciações que nellas existem foram feitas em 1881.

O autor, occupado em trabalhos que roubam muito tempo, publica o seu folheto tal e qual como lhe sahio da penna pela primeira vez: vai com todos os defeitos mas tambem com todas as virtudes da primeira inspiração.

Agosto de 1882.

O AUTOR.

Os Urubús do Hospital

Este livro que vaes lêr, leitor, não tem pretenções a um livro de critica.

O autor hesitou e hesitou muito antes que se resolvesse a escrever-lhe o titulo.

E' que vai n'elle uma certa dóse de ironia, quiçá mesmo de malicia que póde acarretar ao autor um não pequeno numero de antipathias e de malquerenças, cousas essas que sempre molestam bastante, mesmo a quem pouca consideração liga aos sentimentos que desperta em outrem. E depois, o autor sente deveras ter de ferir certos preconceitos, ter de remecher em systemas de

idéas que se acham em um tal *far niente* que faz pena ir a gente incommodal-os.

Mas, não se lembra o autor quem o disse, quando se tem ou se presume de ter a verdade comsigo, deve-se dal-a á publicidade.

Demais, e fique bem assentado este ponto, este livro não pretende offender ninguem.

E' um symptoma, na mais rigorosa acepção da palavra.

A razão que o motivou, eil-a :

— Em horas vagas, quando a imaginação passeia pelos já gastos campos da phantasia, quando o cerebro descança de lides mais sérias, embalado na rêde das idéalisações, a sonhar projectos de futura grandeza e de proxima felicidade, n'uma especie de somnolencia tranquilla, vem as vezes um mosquito, importuno como um official de justiça, picar-nos a ponta avermelhada do nariz.

Furiosos com essa impertinencia, mandamos ao diabo o mosquito que nos vem arrancar desapiedadamente a nossos sonhos, e accende-se-nos no peito uma braza de rancor que, em forma de imprecação so-

nora, enviamos ao sapientissimo creador dos—mosquitos.

A tal braza as vezes apaga-se logo; outras, transforma-se em labareda.

E' então que vem á gente uma vontadesinha cruel de espetar um alfinete na pelle avelludada ou encarquilhada do proximo para nos vingarmos da picada do mosquito.

Vamos pé ante pé, armados com esse dardosinho innocente e . . . zás! finca aqui, espeta alli e toca a rir por ver que o proximo se *desengonça* todo, coça-se d'aqui, esfrega-se d'acolá, chupa uma gottasinha de sangue, vermelha como um rubi, que veio borbulhar na ponta do *pai de todos* e, afinal, cançados de rir, deixamos cair o instrumento da vingança e fazemos ao proximo—uma careta.

Ao que elle nos retruca de prompto:

— Como! pois eras tu? logo vi que isso não passava de ti. Vamos tomar um calice de cognac?

E o proximo, o bom do Sr. proximo não só não se zanga, como até nos offerece um calice de cognac e, se fôr fidalgo, presente-

ar-nos-ha com um Regalia de la Reina, *de la mejor cualidad.*

Demais a mais, isso de ir a gente tratar tudo e todos com um ar de grave compostura, como um padre a dizer missa, é além de hypocrisia quasi sempre, symptoma de hypochondria caturra; denota que se soffre do figado ou que se tem picadas no baço.

O mundo vai tão sorumbatico e sorna pelos tempos que correm, tudo está tão velho e tão esfarrapado já, que ficariamos todos a chorar, quaes outros Jeremias, si não fossem, ainda assim, as boas sucias que sem querer nos fornece o bom de nosso vizinho, que pela adiposidade não perca, com a sua sobrecasaca abotoada a Thiers, seu bigode retorcido a Napoleão III e uns ares de grão-senhor que lhe vão mesmo a calhar.

Si não fosse elle, o vizinho, ai de nós!.. teriamos de ir para a rua do Ouvidor, ahi pela volta das 2 horas da tarde, vêr desfilar a civilisação mais lorpa, mais pamonha, mais anemica, mais ignorante e mais enfatuada que se conhece.

Rua do Ouvidor!...

Que poema n'essas tres palavras! não ha

menina solteira e gaiteira, não ha moço bonito e enluvado, não ha velha tola e bolorenta que não tragam essas tres palavras gravadas em lettras d'oiro no engaste das aspirações, (1)

Alli, n'aquelle *fervet otium*, é que se vive; alli é que se pensa; é alli que se mostram os talentos nas *vitrines* do Sr. Bernardo da Cunha ou nas portas da confeitaria Castellões.

Mas... francamente, sensato leitor, aquillo alli é simplesmente ensosso como um coco da Bahia, é cynico como uma locomotiva—de papelão.

E' mais divertido rir-se a gente bem, em seu quarto, entre quatro paredes caiadas de branco, diante de um busto de Molière ou de uma caricatura de Gavarni, com os pés mettidos em um bom par de chinellas, envolvido n'um soffrivel rob-de-chambre, com uma perna em cima da mesa e outra em cima de um gato felpudo, accendendo um charuto nas paginas de um romance de Ter-

(1) Si é que as taes velhas bolorentas podem ter seriamente aspirações.

rail e folheando uma these inaugural, do que ir para a rua do Ouvidor, ao pino do sól, com um callo a arder, uma colicasinha a moer, um defluxo no periodo de distillação, só com o fim de ver e de ser visto, para gozar da *farta efferrescencia de nossa civilisação!*

Deixemos que a rua do Ouvidor se encha e se esvasie diariamente como um enorme canal digestivo, deixemos que os velhos, de oculos azues e de bengalas encastoadas d'oiro, decidam dos graves problemas dos negocios da patria, entre um espirro e um cochillo, e vamos nós dous a rir por esse mundo em fóra, como dous estudantes depois da sabbatina, a quem Deus tenha em sua santa paz.

Amem!

* * *

Conheces tu, leitor, uma boa gente, boa gente mesmo, a quem as más linguas chamam os—Urubús do Hospital—sem duvida por uma d'essas malicias que tornam salgadas certas comedias de Molière?

Não conheces? Pois é pena.

Vale bem a pena conhecel-os, a esses Urubús.

Havias de rir-te com aquelle bom riso rabelaisiano, franco, bonacheirão, ou soltarias uma d'aquellas gargalhadas cheias, sonoras do bom Falstaff; havias de rir-te, digo-te, ó leitor, ao veres aquelle batalhão de aves de rapina, com os bicos melancho licamente recurvados, com as pennas negras como carvão, tendo no olhar uma certa dose d'aquella abstracção allemã que faz de Werther um pulha e do Snr. de Bismarck um cão doente, produzida essa abstracção pela tensão das faculdades especulativas (como se diz em estylo moderno) ás questões de alta transcendencia medico-cirurgica; levantando ora uma, ora outra garra como quem procura apanhar no ar uma idéa que foge ou uma mosca que avoeja.

Vai vel-os, leitor, vai vel-os,

São uns pobres carnivoros, carnivoros?.... não! omnivoros, tristes mas amaveis, d'essa amabilidade friorenta produzida pela fixidez do espirito á uma preoccupação unica, invencivel.

Vai, mas cuidado! não te tomem elles

por alguma carniça e não te prendam com os bicos.

Seriam capazes de transformar-te. Viravam-te de dentro para fóra e de fóra para dentro, examinavam-te os olhos, os cabellos, as orelhas, os pés, as unhas e outras cousas mais.

Transformavam o teu corpo de um modo tal que tu, são como um péro e gordo como um abbade,

Já não serias homem não,

mas simplesmente um manual vivo de pathologia; um manual completo, revisto, correcto, e acompanhado de figuras no texto.

Achariam em teu corpo todos os signaes de todas as molestias e, emquanto tu te désses ao trabalho de persuadil-os de que nada sentias a não ser alguma fome, porque naturalmente estarias ainda em jejum, ver-te-hias examinado dos pés á cabeça, quasi suffocado pelo bom numero de orelhas que se haviam de encostar ao teu vasto thorax; e si, por infelicidade tua, tivesses algum aneurisma da aorta era bem possivel que esse teu aneurisma se rompesse pela quanti-

dade prodigiosa de soccos que te dariam elles dizendo-te que te percutiam e que reconheciam a existencia de um som obscuro, de um som metalico, de um ruido de bronze, etc.

E quando pensasses em te safares mandando ao diabo semelhantes maniacos, vinham correndo atraz de ti quatro ou cinco urubúsitos com uns coposinhos nas mãos, e descarregavam-te, em pleno peito, esta ordem formidavel, sinistra, petulante:

— Faz-nos o obsequio de urinar aqui ?...

E apresentavam-te os copos com uma seriedade funebre !!...

Tu, attonito, embaraçado, envergonhado mesmo, fugirias com quanta força tivesses, mas isso não impediria de ouvires esta sentença sybillina :

Este individuo não urina.

Signal evidente de anuria. Symptoma terrivel. A vida d'elle está por um fio. Dentro de 24 horas está morto !

Si tu não fugisses, si tivesses a pachorra de aceeder ao pedido, se fosses bastante amavel para urinar nos copos d'elles, verias a tua urina passar por uma série de analyses

e, afinal, vinham dizer-te que soffrias de chyluria, de albuminuria, de glycosuria, de hematuria e de quantas mais *urias* lhes viessem á imaginação.

Entretanto, leitor sensato e carrancudo, convence-te d'esta verdade:

— Si elles te assaltassem como os urubús assaltam á carniça, si te examinassem nas partes mais reconditas de teu corpo, si te crivassem de perguntas inconvenientes como uma velha intrusa—seria isso devido ao amor, á paixão idolatra, ao culto cego que a arte de Hippocrates accende-lhes nos seios juvenis.

Fariam isso—por amor á sciencia!

* * *

E' o *amor á sciencia* que os faz sorumbaticos e melancholicos.

E' o *amor á sciencia* que os torna tristes e macambuzios.

Vês aquellas cabeçasinhas loiras, com os cabellos a luzirem como fios de ouro soltos ao vento?

Pensas, talvez, que lá dentro, n'aquelles craneos novos ferve o ouro das illusões e das alegrias dos 20 annos em borbotões de loucas phantasias e de doidos devaneios, não é assim?

Pois enganas-te; estás redondamente enganado.

O que ha no interior d'aquelles bellos craneos, o que alli dentro reina é uma atmosphera baça, pesada, com um cheiro de mofo de cousas velhas, povoada pelas bacteridias de umas idéas tristes e contagiosas como o suicidio!

N'aquelles olhos que te fitam com fixidez felina, não notas o que quer que é de soturno e lugubre?

N'esses olhos que deveriam ter a esperteza do azougue, a vivacidade da andorinha, em que deveria de transparecer a frescura da alma em flor, despreoccupada, solta, livre como o colibri, n'esses olhos transparecem apenas uma somnolencia, um embaciamento devidos aos longos e fastidiosos pensares.

São olhos de moços a quem a doida borboleta dos 20 annos nem sequer roçou de

leve, com as azas matizadas, as frontes pallidas e enrugadas.

São moços, esses, que desconhecem as largas expansões da alma, os risos frescos, o espirito alegre e zombeteiro do mais bello periodo da existencia inteira.

São moços para quem o mundo, as aspirações, as alegrias, os pensamentos ciframse em tres cousas: — o bisturi, o cigarro e o espectaculo na Phenix.—

Vá lá alguem fallar-lhes de poesia, de pintura, de esculptura, de musica, de politica mesmo (!!), das artes liberaes, emfim das flores do espirito, das fontes do bello e verá como se lhes erriçam os cabellos ou como se lhes abrem as bocas n'um ar apalermado e trolha!

O bisturi, o cigarro e a Phenix— tal é o dominio d'elles no territorio da sciencia, da industria e da arte.

O bisturi representa —não concordas?— importantissimo papel na civilisação geral, no progresso das idéas e no caracter dos povos. O bisturi é a synthese grandiosa de tudo quanto de bom e de bello têm creado as instituições e os genios. O bisturi é a

concatenação brilhante de todas as theorias arrojadas d'este seculo, de todos os esforços modernos para a realisação de um grande fim moral e social.

O bisturi, por si só, é o isthmo que liga ás gerações passadas a geração presente; é a pagina fulgurante em que se têm escripto os grandes commettimentos, as colossaes descobertas do seculo XIX.

E o cigarro?

Ah, o cigarro foi a mais prodigiosa invenção que cerebro industrioso algum dia imaginou. O cigarro tende a tornar-se a unica industria do mundo, a unica tarefa manual dos operarios, a unica preoccupação mental dos Adam Smith, dos J. B. Say, dos Leroy Beaulieu do futuro.

A industria cigarreira tende a alargar a esphera da riqueza; marcha para a resolução d'esse grave problema da economia politica que tem dado tanto que fazer aos supra-ditos senhores: a repartição da riqueza, a divisão do trabalho, o paraiso terrestre em summa.

E' a industria do futuro.

O cigarro é o inspirador, é a musa mo-

derna que, despindo o manto sob que nasceram Shakespeare, Dante, Klopstock, Victor Hugo, Byron etc, vem envolver-se nas nevoas acinzentadas do sarro a inspirar vates sublimes como o Sr. Anselmo Paredes ou o Sr. José dos Mercadores, por exemplo.

E a Phenix?

A Phenix, o tabernaculo sagrado da arte onde se queima o incenso do enthusiasmo popular, onde os — bravos o Vasques! — quebra, quebra, Villiot — cruzam-se no ar mais enthusiasticamente do que os cantos guerreiros da edade media, mais maviosamente as vezes do que as canções dos trovadores, a Phenix é—o thermometro por onde o estrangeiro illustrado póde e deve ajuizar do nosso gosto em materia de arte.

Quem haveria de dizer que o espirito de Aristophanes, o de Sophocles, o de Calderon, o de Shakespeare, o de Molière, o de Racine, o de Beaumarchais, o de Schiller, o de Vigny, o de Goethe, isto é, a comedia antiga e moderna, o drama e a tragedia, tudo o que de sublime tem creado o genio humano, havia de ir refugiar-se n'aquelle Pantheon da rua da Ajuda

A Phenix, por si só vale mil Parthenons e o nosso povo, a nossa mocidade principalmente, educada ao som voluptuoso das composições de Planquette, de Offenbach; ouvindo os primores litterarios que se ostentam na Phenix enroupados nas vestes brilhantes idéadas pelo Sr. Lisbôa, deve forçosamente estar a par dos progressos da arte musical e da arte dramatica, deve de conhecer a tendencia d'essas duas artes, o papel que lhes cabe na civilisação e, sobretudo, na moralisação das classes sociaes......

Mas o que tens, leitor sceptico, que riso ironico é esse que te crispa os labios e te faz parecer a Mieris, o patusco, pintor de genero?

Duvidas do que te digo? Suppões que avanço paradoxos? que sustento theorias ôcas, sem senso nem profundidade? Ah, meu bom amigo, estuda o paiz, pega no teu bisturi de critico e dissecca as carnes macilentas e infiltradas d'esse gigante que se estende do Amazonas ao Prata.

Toma o microscopio, colloca na objectiva a cellula nervosa d'esse organismo e diz-me si essa cellula se parece com a que nos

descrevem Kolliker, Frey, Virchow, Robin e *tutti quanti* têm se divertido em procurar conhecer as nossas pequenissimas perfeições. Has de ver que essa cellula que deveria ser estrellada, ter um nucleo central etc. e etc. é simplesmente—uma bolota de gordura!

Si não tens paciencia para tanto, vai então á Phenix quando se representar o Ali-Babá, por exemplo; vai depois a um theatro onde se represente um bom drama de Victorien Sardou, de Emile Augier, de Alexandre Dumas filho mesmo, e diz-me em qual d'esses theatros havia gente? Emquanto ao Ali-Babá concorreria o Rio de Janeiro quasi em peso, ao drama de Sardou só estariam presentes umas 40 a 50 pessoas!!....

Mas bem vês que a penna se vai escorregando pelos campos da critica a fóra e n'esse terreno é bem possivel que ella quebre o bico á primeira pedrinha que encontre no caminho.

Restrinjamo-nos, pois.

Fallava-te da mocidade; dizia-te que ha uma tripode em que ella assenta o edificio

de suas aspirações e que os angulos d'esse triangulo symbolico são representados pelo bisturi, pelo cigarro e pelo espectaculo na Phenix.

Duvidas?

N'esse caso dirige-te ao largo da Misericordia. Ha ahi um edificio de um estylo mais que rococó.

Has de ver muitos lettreiros, mas não te assustes! não se vende peixe, alli, nem fructas verdes. Ensina-se a medicina, isto é, occupam-se alli com os effeitos do peixe frito e das fructas verdes; bem como da genealogia do badejo e da morphologia do araçá.

Logo que chegares a esse tal edificic mascarado de lettreiros, verás muita gente reunida em meio de um sussurro rouco como o de um enxame de bezouros. E' a essa gente que chamam—mocidade—e a quem se junta, irrisoriamente já se vê, o qualificativo—esperançosa— sem duvida porque espera-se que d'alli saiam novos comediantes ou simples comparsas para o samba governamental.

Essa mocidade que tu deves encontrar

ahi é apparentemente semelhante a todas as mocidades que têm representado papel regenerador na vida dos povos ; é superficialmente igual a mocidade que produzio 89, ou que fez desabar em Roma o poder de Cezar.

Essa mocidade tem buço — unico ponto de contacto com as outras passadas. N'ella se suppoem existir todos os elevados sentimentos de patriotismo, todas as sãs idéas politicas, todos os desejos nobres que devem fazer caminhar para frente essa machina de engrenagens enferrujadas que se chama— patria.

Agora que sabes teres de tratar com esse elemento poderoso, approxima-te e tira o teu chapéo, tu, o representante do passado (supponho-te um velho) aos representantes do futuro e começa :

— Illustrissima Senhora Mocidade ! Aqui onde V. Ex. me vê, sou um pobre velho cujas articulações se ankylosaram no mover continuo d'essa machina chamada funccionalismo publico. Tenho a vista singularmente diminuida á força de querer vêr nos projectos, nos avisos, nos decretos alguma

particula d'essa coisinha subtilissima que V. Ex. de certo, possue aos litros — o amor da patria; tenho os ouvidos surdos não só pelas incrustações calcareas proprias á minha edade, senão tambem devido aos discursos bombasticos que ouvi dos labios patrioticos dos senhores deputados. Bem está vendo V. Ex. que tenho os hombros encurvados, mas isso, sabe V. Ex. não? mas isso de viver um homem todos os dias a curvar a espinha dorsal diante de Deus e do diabo, causa afinal d'estas bellezas, pois que, como V. Ex. não ignora, nas artes plasticas e a *fortiori* no homem a linha curva é mais bella do que a linha recta.

Pois bem, Exma. Sra. Mocidade, estou velho, gasto, corroido até a medulla dos ossos e sem um vintem na algibeira. Tenho mulher e tenho filhos, o que quer dizer que tenho deveres sérios a cumprir para com essa senhora e esses senhores.

Bem póde ser que eu morra hoje de uma congestão cerebral ou que venha a morrer amanhã—de fome. Desejo, porém, antes de deixar para sempre este mundo de delicias saber de V. Ex. quaes os projectos que V.

Ex idealisa, de que meios conta V. Ex. lançar mão para o engrandecimento deste paiz?..

Cala-se a turba. Ouves apenas um respirar oppresso, vês uns olhares torcidos como de quem ouve ler um trecho grego ou uma encyclica papal.

Tu, amedrontado por esse silencio funebre que te parece assemelhar-se ao silencio que precede o desencadeiamento das grandes tempestades, retrucas de prompto:

— Bem sei, Excellentissima, que V. Ex. tem idéas assentadas, tem projectos delineados, tem nobres intenções, tendente tudo isso a salvar a patria do abysmo para onde ella caminha, si formos a dar credito ao que dizem os seus paes d'ella. Mas, Exma. Sra., assim como se me foi a saúde foi-se-me tambem a fé. E isso de fé, hoje, é uma burla.

Quando tinha 20 annos duvidei de Deus; aos 30 descri dos homens; aos 40 duvidei de mim mesmo.

Hoje estou velho e descrente como um odre vazio. E' por isso que desejo saber si posso ao menos crer em V. Ex., Sra. Mo-

cidade. E' bom morrer-se com uma crença qualquer ainda que não seja senão com a da fidelidade da mulher.

Si não vos for incommodo rogo a V. Ex. o obsequio de me informar do modo porque entendeis que a patria pode avançar no caminho do progresso, quaes os meios que vós —a mocidade— tendes em gestação n'esses cerebros enthusiastas para firmar um nome ao paiz que vos vio nascer, para dar lhe a industria que morre de inanição, a arte que fallece do mal de sete dias, a sciencia que vegeta na sombra dos gabinetes particulares, para fazer d'este paiz uma nação civilisada, rica de vida e de sangue?

— O bisturi— grita um moço de 18 annos.

— O ammoniaco — berra outro de 23.

— O purgativo Lerroy— brame terceiro de 28.

— O vinho quinado, o oleo de ricino, os banhos de mar, as duchas geladas — vociferam mil vozes.

E todos, a porfia, aconselham ao paiz o uso quotidiano dos xaropes, das pilulas an-

tihelminticas, dos vesicatorios á nuca, da salsaparilha e do arroz cosido com camarão.

Bem vês, amabilissimo leitor, que não podem ser mais acertados os meios que—a mocidade — alli, indica para curar os males chronicos da patria.

Desafio-te a que me proves não ficar o paiz inteiramente livre da tal progressomania que tem atacado as outras nações, desde que se submetta ao regimen rigoroso e prolongado de uma therapeutica ao mesmo tempo tonica e evacuante.

E ahi tens, leitor, um tanto humoristicamente desenhadas, as figuras dos — Urubús do Hospital.

Agora peço-te venia, leitor, para deixar a conversação directa que tenho entretido comtigo até aqui e para tomar uns ares mais sizudos — si fôr possivel isso.

* * *

O meu fornecedor de carne secca e de feijão disse me uma vez, fallando-lhe eu dos preços elevados d'esses generos:

— Anda-se com os tempos. As epocas não são eguaes.

Si esse homem não é um sabio, é com certeza um homem eminentemente pratico. E' um toicinheiro embrulhado em pelle de philosopho.

Assim como é nas ostras que se escondem as perolas, assim tambem é na gente ignorante que reside a verdadeira, a genuina, a sã philosophia. De que nos servem praticamente, na vida burgueza, as especulações da philosophia allemã, vaporosas como uma menina anemica e ôcas como uma barriga vazia?

Para que prestam as theorias mais ou menos incomprehensiveis e sempre metaphysicas de Kant, de Spinoza, de Leibnitz? O que querem dizer essas sentenças dogmaticas de um philosophismo sesquipedal que enchem os livros em nossas estantes de eruditos?

Na vida pratica, na lide insana de todos os dias, na preoccupação constante do burguez que tem de sustentar mulher e filhos —o aphorismo de meu fornecedor de batatas

inglezas tem mil vezes mais valor, é trinta milhões de vezes mais sensato.

N'aquellas duas phrases, curtas como um espirro, profundas como o mar, encerra-se toda a historia da humanidade para a qual não bastaram, entretanto, os 17 volumes da obra de Laurent. Aquelle homem foi talhado para ser presidente dos Estados-Unidos, e foi por um escarneo da sorte que elle veio ser aqui vendedor de cebollas em vez de ir servir de alvo ao rewolver do mentecapto Sr. Guiteau.

Estas expansões são necessarias para o que se tem dito e para o que se vai dizer d'esta veridica historia (como se usa dizer hoje de todas as mentiras que se escrevem.) (1)

***

De um taverneiro philosopho á uma mocidade velha o salto é pequeno. Formemos o pulo... zás! cá estamos.

Tanta gente tem dito que a mocidade é a

---

(1) Note-se, no emtanto, que esta historia é mesmo veridica: ao menos no fundo.

---

estação das flôres, a primavera da vida, a aurora da existencia, a estação das promptas ligações e das faceis cicatrizações como diz V. Hugo, que, afinal, cheguei a acreditar que isso era verdade.

E foi n'essa persuasão que, ainda criança, esperava afflicto, ver chegar a *estação* tão gabada pelos poetas; e, emquanto tal não se dava, ia eu puxando uns hypotheticos fios de um problematico bigode, espiando pelas janellas do railway da vida si a *estação* estava proxima.

Quando dei accordo de mim era moço. Tinha 18 annos e via-me no meio de moços.

— Agora sim, disse eu aos botões do meu collete, agora é que vocês vão ver como se pinta o Simão e como se fazem brotar flores na alma e se accende uma fogueira no cerebro. Vamos lá, rapaziada, toca a folgar e a rir. Estamos na estação das flores. O comboio em que viemos parou; saltemos todos de pressa, si não lá vamos arrastados na carreira vertiginosa e temos de entrar a correr no tunel da morte, sem gozar d'este jardim delicioso cujas flores murcham n'uma manhan.

E saltava, e pulava, e ria, e ia arrumando para um canto da *estação* a pequena bagagem de minhas illusões, a espera que alguem a conduzisse para a villa da Phantasia que ficava a um bom quarto de legua.

Mas, ai! roubaram-me a bagagem e por infelicidade cheguei ao hotel moido de cansaço, roido pela fome, pois, tinham-me dado a montar um sendeiro magro como um arenque e empacador como a burra de Balaão.

No dia seguinte ao acordar, achei-me não na aldeiasinha gentil e perfumosa da Poesia, mas no valle sombrio e humido da Prosa... E assim, d'um dia para outro, desfolharam-se-me pelo caminho as taes flóres da mocidade e as petalas voaram, levadas pelo vento do scepticismo.

***

Tinha eu 18 annos quando, armado com os documentos das minhas habilitações em onze preparatorios, ancho como um calouro antes das vaias, enfrentei com o Illm. Sr. Dr. Carlos Ferreira de Souza Fernandes,

digno secretario da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e, com o ar triumphador de Cesar ao voltar das Gallias, passei o Rubicon - isto é, de *bicho* tornei-me *calouro*; graças á amabilidade d'aquelle doutor que mandou se inscrevesse o meu nome no livro dos academicos.

Na vida de *bicho* é esse o dia de maior alegria. *Deixa-se a casca* com a mesma satisfação com que se larga uma chinella velha.

Pois si é tão bom saber-se a gente academico! si é tão agradavel pizar a rua do Ouvidor, ao voltar da Academia (e que suave que é então esta palavra!..); olhar para as moças que vão mostrar-se no armarinho do Snr. Godinho; suppor-se olhado por todas ellas e por todos elles, ellas por amor e elles por inveja!....

Quer-se então *dar um panno de amostra;* quer-se ser espirituoso a força, custe o que custar e dê no que der. Dependura-se a gente nos estribos dos bonds; soltam-se berros pela rua da Misericordia ou pelo becco do Cotovello a fóra; e, quasi sempre, em vez de espirito de 90º corre-nos da boca—agua choca! Mas toda esta alegria

dura só o espaço que vai da inscripção de matricula até a abertura das aulas.

Uns 15 dias no maximo.

E' então, quando se abrem as aulas, que principia para o *calouro* o martyrio. Assim que entra pela primeira porta cae-lhe logo em cima uma chusma de *veteranos* máos, perversos, sanguinarios como um batalhão de pantheras. O pobre do *calouro* vê-se *zonzo*. Dão lhe um *doutorrr* tão ironico, tão trinado, tão arrastado que o calouro, n'esse momento,—daria um reino por ser veterano.

E ainda bom é quando só n'isto ficam as brincadeiras.

Ha calouros sympathisados e calouros—bodes-expiatorios.

Para estes ultimos é que são duras as provanças. O tributo peza-lhes como cem arrateis de chumbo.

No olhar do calouro-bode ha o quer que é de sinistro, scintillam-lhe as pupillas no fundo das orbitas desprendendo uns reflexos fulvos, como olhos esbrazeados de tigres, e dando á physionomia uns tons espantados e timidos e ferozes ao mesmo tempo.

Na idéa do calouro-bode só impera o

medo ; vaga-lhe na mente atemorisada um receio, um constrangimento que abafam.

Parece-lhe que tudo se ri d'elle ; que todos o escarnecem ; que no ar que lhe ventila os pulmões esvoaçam gnomos feios, hirtos, ferozes. Para o calouro-bode ha só um sentimento—o terror ; ha só um lenitivo—o 2º anno que lhe acena ao longe.

O calouro-bode, ao entrar na escola, é logo assaltado por uma avalanche de *veteranos* que viram-lhe o frack novo ao avesso, filam-lhe os cigarros comprados cinco minutos antes, dão-lhe cascudos, obrigam-no a lêr a *Gazeta de Noticias* linha por linha ; fazem-no cantar—Qu' é d'ell'as chaves—; mandam-o á venda da esquina comprar dous vintens de manteiga.

As vezes são mais crueis ainda.

Recordo-me, era eu terceiro annista n'esse tempo, de uma celebre caçoada que então fizeram os meus collegas e na qual—*penitet me* tambem eu *parva pars fui.*

A cousa passou-se assim :

Fechámos as janellas do antigo saguão de entrada que, já de si, era escuro ; collocámos um banco atravessado á entrada, no

escuro, e, emquanto dous foram para a unica porta de entrada a dar signal da approximação dos calouros, todos nós nos reunimos em roda d'esse banco para apreciar a *pandega*.

Apenas apontava um calouro, no principio do largo da Misericordia, era saudado com um :

— Lá vem um ! — grosso e funebre como um dobre de finados.

Bastava esse simples grito para que o pobre calouro-bode ficasse logo tropego, indeciso como quem soffre de ataxia locomotora.

Havia dous alvitres a tomar : voltar para o logar d'onde tinha vindo ou affrontar o espectro de Banquo que se lhe erguia pela frente. Si voltasse dava parte de fraco, seria covarde, e o calouro-bode tem fumaças de valente ; si continuasse a avançar cairia nas mãos desses godos de nova especie, seria infallivelmente victima dos repellões, dos assovios e das vaias.

A coragem do calouro-bode ante essa perspectiva negra, caia-lhe aos pés, derretida como um sorvete exposto ao sol.

Mas o calouro-bode quer passar por valente...

Investia.

Apenas entrava, sorprendia-o a escuridão profunda, como um ponto de interrogação posto no infinito da duvida.

O calouro vacillava ante a cilada, sentia o coração parar no peito e um suor frio regava-lhe a fronte empallededecida.

Mas, já agora, não havia recuar.

Nós, lá dentro, conservavamos o mais absoluto silencio e apenas, aqui e acolá, accendia-se de vez em quando a braza de um charuto ou de um cigarro como si na escuridão d'aquella matta (permitta-se-me a comparação) esbrazeassem olhos de féras bravias.

O calouro avançava um, dous passos e, zás! eil-o estendido no chão, mais morto do que vivo e pedindo a Deus misericordia.

Então nós caiamos-lhe em cima e eram zumbaias, gritos agudos, gritos roucos, um barulho infernal, uma orchestração descompassada, desharmonica, ensurdecedora.

O pobre do calouro-bode levantava-se

como podia e lá ia aos empurrões, cáe aqui, levanta alli, até que, afinal, deixavamol o ir.

Para o calouro-bode aquellas palavras pretas

— Faculdade de Medicina — que se escarranchavam por sobre a porta da escola equivaliam a estas outras

Lasciate ogni speranza...

O calouro-bode expiava alli, n'aquelle purgatorio, o crime de querer ser academico.

Soffria, soffria muito...

Mas cá fóra, no grande mundo, o calouro transformava-se.

Já não era o mesmo rapazinho murcho e triste da escola, já não lhe soavam aos ouvidos aquelles assovios estridulos como o silvo da cobra. Era outro; era o *senhor doutor*, era o primeiro annista.

Ia ás soirées, aos bailes, aos theatros e ficava todo inchado quando ouvia o seu alfaiate dizer-lhe, n'um corredor de theatro:

— Boa noite, *senhor doutor;* então tem gostado da academia?

O calouro ao ouvir o — senhor doutor — empertigava-se todo, cofiava o bigode nas-

cente e respondia com uma vóz compassada, de baixo-profundo :

— Oh, Sr. Pedrosa, estimo immensamente encontral-o aqui. Como tem passado ?

O pobre do Sr. Pedrosa ficava muito ancho por ver-se tratado com tanta bondade por um academico, e esboçava um sorriso entre terno e choroso.

O calouro via-se alli no seu elemento. Tinha alguem que o admirava, embora esse alguem fosse o seu alfaiate.

Continuava.

— Pergunta-me o senhor si tenho gostado da vida academica ?

Pois isso se pergunta, filho de Deus ? Aquillo é que é vida, Sr. Pedrosa, aquillo é que é vida. Eu hoje nem comprehendo como se possa ser estudante de preparatorios. (O calouro não diz —bicho—porque não deixou de todo a *casca* ainda, por isso diz —estudante de preparatorios).

Que semsaboria que é o collegio ! como a gente vive cá fóra, ao ar livre, crescido em estudos e em aspirações de gloria, vendo por toda a parte sorrisos de moças bonitas, comprimentos submissos dos ex-collegas de

preparatorios, apertos de mão significativos dos velhos... ah, isto sim, Sr. Pedrosa, isto é que é vida. Olhe, aqui onde me vê fiz um *brilhareto* hoje na sabbatina de chimica.

Os veteranos são todos meus amigos; tratam-me com toda a cortezia e nem era de esperar outra cousa de moços bem educados, não acha?

— Oh, certamente, certamente, *senhor doutor.*

— Olhe, veja, alli vem um quinto annista. Vai ver como elle me trata.

O tal quinto annista approxima-se, passa sem nem sequer olhar para o calouro, pois, não o conhece. (O calouro conhece todos os estudantes desde o 2º até o 6º annista, mas não conhece os seus collegas de anno).

O tal calouro que esperava uma saudação do quinto annista e que vê falhar a esperança, enfia, dá —boa noite— ao alfaiate e... raspa-se.

No corredor dos camarotes de 1ª ordem encontra elle a D. Cocota, mocinha pallida, de faces anemicas, com olheiras, mas perfeitamente bem caiada.

— Querem ver? E' o Juquinha, mamãe, E' o *doutor* Juca, diz ella emendando-se.

A mamãe comprimenta o calouro com extrema amabilidade, convida-o a sentar-se no interior do camarote e principia:

— Então, *doutor*, tem gostado muito da medicina?

O calouro concerta um pigarrosito incommodo, sacode da testa os cabellos com uma petulancia perfeitamente academica, toma uns ares de grave seriedade.

— Minha senhora, V. Ex. sabe que desde criança (as vezes o calouro tem 15 annos) uma vocação irresistivel arrastou-me para a sublime arte de Galleno e de Ganot (Ganot é o autor da —Physica— compendio da dita sciencia, no 1º anno; o calouro suppõe que Ganot é algum pae da medicina).

Tenho encontrado na iniciação d'esse sacerdocio, sagrado como os mais sagrados, todos os encantos do desconhecido ardentemente desejado; mas tambem já tenho queimado as pestanas em scismar á noite nos graves e mysteriosos problemas da physica molecular. A lei de Dalton, a lei das

proporções definidas, as transformações moleculares dos corpos, a isomeria, a allatropia têm dado que fazer a este cerebro onde V. Ex., vê, de certo, o cunho do estudo e da meditação.

A pobre mamãe de D. Cocota ouvindo fallar em tanta palavra arrevezada, fica embasbacada diante do Juquinha.

— Estás vendo, Cocota, o *Dr.* Juquinha como estuda e como sabe ? Ah, *doutor*, si o meu Maneca seguisse o seu exemplo havia de ser um sabio como o senhor.

— Oh, minha senhora, que bondade a sua ! ainda não sou um sabio, mas espero vir a sel-o algum dia.

E, voltando-se para D. Cocota :

— Então, D. Cocota, tem gostado d'este drama ?

— Muito, doutor, geme D. Cocotinha. E o senhor tem apreciado ? Sou capaz de apostar que, no fim, elle e ella cazam-se. Como elle gosta d'ella, hein ?

— Gosta muito, D. Cocota.

— E o senhor, doutor, não gosta de nenhuma *ella ?*

O calouro morre de amores pela vizinha,

mas aqui é necessario mostrar-se sabio em tudo.

— Eu, D. Cocota, comprehendo o amor, calculo toda a sublimidade, todo o desinteresse, todo o prazer sagrado e sincero d'essa creação divina. Infelizmente, porém, vivo por demais engolphado nos arcanos da sciencia para ter tempo de amar. As idéas tumultuam-me tão desordenadamente no cerebro, vejo tudo por um prisma tão differente do que o vulgo ignorante se serve, que não posso, não sei sentir, não penso mesmo em amor.

— Olha, mamãe, está ouvindo? Que tal lhe parece o *doutor!*

— Faz muito bem, *doutor*, retruca a mamãe de D. Cocota, pense sempre assim. Quem estuda não se deve occupar com moças.

E, logo que o *doutor* se despede, a mamãe de D. Cocota começa a rasgar-lhe sedas e mais sedas.

N'essa mesma noite, D. Cocota escreve ao namorado que vá estudar medicina, que só assim serão felizes *ella* e *elle*. O namorado, ao dia seguinte, recebe a carta e,

muitas vezes, é assim, por uma simples doidice de menina, que se decide do futuro de um moço, que se torce uma inclinação, que se quebra uma aspiração!

***

O calouro, por via de regra, é pedante e é tolo; é humilde e é orgulhoso; arrasta-se como a lesma e ruge como a hyena.

A culpa não é de certo d'elle.

Fizeram-no assim. Elle apenas foi enfluenciado pelo meio em que cresceo.

Ao entrar para o collegio, o maior desejo do menino é ser homem e, principalmente, ser academico. Vê os *grandes* do collegio, os que fizeram tres ou quatro exames na Inspectoria Geral da Instrucção Publica, cercados da consideração dos mestres e do respeito dos *bichos*. A criança aspira fazer os preparatorios, quer parecer aos *grandes*. E' uma idéa firme, tenaz, que o persegue dia e noite.

E' então que estuda, estuda a morrer. Mas esse estudo é feito *a vapor*; o menino só quer saber o necessario para fazer exame,

e esse necessario mesmo é grudado na memoria desordenadamente, sem methodo, sem logica.

Não estuda para saber, estuda para *fazer exame*. Não estuda uma sciencia no que ella tem de geral e de especial; não procura conhecer os methodos e os processos, as leis que regulam esses processos e esses methodos e que constituem a sciencia; decora um certo numero de paginas de um certo e determinado autor.

Aliás, a criança é levada a isso não só pelo desejo ardente de ser equiparado *aos grandes*, senão tambem pelo mercantilismo de sciencia em que os *mestres* são peritos.

O collegio é uma especie de fabrica de sapatos ou de biscoutos; o director do collegio nº 1 trata de apresentar o maior numero possivel de amostras, o director do collegio nº 2 trata de fazer o mesmo. E' uma especie de steeple-chase em que saltam-se os obstaculos, vencem-se enormes barreiras e atira-se para um lado, na vertigem da carreira, o barrete das conveniencias.

Não são educadores, esses directores de collegios. O que serão?...

Não lhes merece um pouco de attenção a intelligencia d'essa criancinha loira como um cherubim que é entregue a seus cuidados.

Transformam a cabecinha d'essa criança em uma gaveta de sapateiro ; fazem uma infusão de sciencia e de linguas, uma especie de angú de negra mina e empanturram o cerebro innocente da criança com essa comesaina immunda e indigesta.

Feito o primeiro, feito o segundo, o terceiro e o quarto exames com as competentes cartas de recommendação, com os pedidos de reposteiro e com algumas effigies do Snr. D. Pedro II, a criança tem conquistado a metade de seus desejos. Não sabe cousa alguma, não tem orthographia nem tem syntaxe. Ignora o que seja o estomago e não sabe de que são feitos o pão e a manteiga que a mãe prepara-lhe ao almoço.

Ignora o que seja o sol, a lua, a luz que o allumia e a agua que ella bebe ; não sabe de quantas camadas se compõe a terra, como se formaram essas camadas e quanto tempo foi necessario a essas formações consecutivas.

Mas, em compensação, sabe tragar uma fumaça de cigarro, aprecia os romances de Terrail e conhece o setimo volume das poesias de Bocage. Deixa crescer o cabello, não corta as unhas, não escova os dentes, tem medo d'agua fria e não póde suspender do chão um pezo de 2 kilos!

E é assim, nesse meio completamente estiolador do physico, do moral e do intellectual que o calouro se desenvolve e cresce.

Desde que completou os quatro preparatorios a ambição do futuro calouro augmenta. Fazem-lhe inveja os moços academicos que, ao sair do collegio aos domingos, elle vê a tomarem cerveja n'um botequim da rua do Ouvidor ou a fumarem charutos no ponto dos bonds de Botafogo.

Os outros preparatorios *preparam-se* do mesmo modo que os primeiros.

O futuro calouro vai afinal matricular-se, mas sem saber cousa alguma; está quasi completo o edificio de sua ambição, mas esse edificio assenta em areia secca e movediça....

Eis o calouro.

E' por isso que lá ficaram typographadas

aquellas antitheses, no principio d'este paragrapho.

O calouro não sabe nada e pensa saber tudo—pedantismo e tolice.

O calouro logo que se vê academico despreza os collegiaes, seus companheiros de hontem, e é macio como um cordeiro para com os veteranos—orgulho e humildade.

O calouro esmola a protecção dos veteranos na escola, e cá fóra tem eructações de sabio—ahi temos a lesma que se arrasta, e a hyena que ruge.

E' n'estas condições de espirito e de corpo, é com este farnel de conhecimentos adquiridos a todo o vapor de um *express* que um moço se refestela nos duros bancos da enorme, da pyramidal, da nunca assaz decantada—Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

O terreno está amanhado para receber as fecundissimas sementes que existirem no ambiente, e essas sementes são: a tristeza, a soturnidade, o indifferentismo e um egoismo ferreo, rijo, corneo como uma monomania.

Esse fructo degenerado, já meio roido, vai ser entregue aos vermes.

O calouro ha de se tornar veterano e o veterano, em regra, é secco, intratavel em cousas de espirito como um inglez bebedo.

Sigamos a evolução.

*
* *

Antes, porém, de fazer isso, permitta-se-me uma explicação.

O espirito despido de preconceitos, a consciencia firme e sã, a critica severa e justa temem-se, por vezes, de tocar em certas enfermidades moraes, receiam-se de ir remecher certos melindres. No emtanto, n'esses casos a missão da critica si não é louvavel é perdoavel e merece alguma sympathia e um pouco de attenção.

Ninguem se expõe por gosto a inimizades e a rancores.

Dóe sempre o ver que se toma uma boa intenção por uma offensa, um esforço sincero por um movimento revolucionario e demolidor.

Pensamento de demolição presidio, sem

duvida, a este opusculo, mas ha tambem n'elle a idéa de uma reconstrucção.

O que não ha n'elle é o minimo desejo de offender a quem quer que seja.

Ataco um systema que me parece máo, combato certas e determinadas vistas que supponho censuraveis.

Não ha, n'este opusculo, citação de nomes proprios, e si a houver será antes para louval-os do que para censural-os.

Enristo a lança embotada de minha critica contra uma cousa vaga, abstracta, que se sente mas em que não se toca.

Em uma palavra, procuro mostrar os pontos falsos de um systema, pretendo (louca pretenção!) derrocar um edificio mal architectado. Respeito, porém, os representantes d'esse systema, inclino-me ante os architectos d'esse edificio.

Ditas estas palavras que têm sua razão de ser, continuemos.

***

O costume barbaro, incoherente, iniquo de se *vaiarem* os calouros foi transportado

de Coimbra do mesmo modo porque si têm importado o *cri-cri* e outras cousas bulhentas.

Felizmente esse costume parece ter desapparecido n'este anno da graça de 1881, graças a um eloquente e conciso cartaz que faz *pendant* a outro e a mais outro e a mais outros, nas recem-caiadas paredes da escola.

Os calouros hoje já não são mais aquelles individuos abatidos, tristes, que passavam por nós a correr como sombras, n'um acanhamento que fazia dó.

Agora SS. SS. são—hospedes—e, como taes, devemos-lhes toda a consideração e todo o acatamento, com as barretadas e os rapapés do estylo.

Já entram alli de cabeça alta, com os chapéos novinhos, com o bigode arrogantemente retorcido nas pontas, com um charuto provocadoramente posto ao canto dos labios, assobiando um trecho da *Petite Mariée* ou da *Carmen*.

Fallam alto, gesticulam, tossem grosso, cospem, mettem o dedo no nariz com toda a sem cerimonia, com uma presumpção grossa, descomedida.

Mas, coitado! si o calouro já não soffre as brincadeiras dos veteranos, si já não se esparrama pelo chão como um sacco de fubá mimoso, em compensação o calouro que era *bode* torna-se francamente nullidade. E' o dous de páos d'aquelle baralho de 6 cartas.

E' considerado já não *calouro* mas—futrica, cousa de somenos.

Conhecem-no agora pelo sobrenome — tigre—, sobrenome que traz em si uma idéa altamente mal cheirosa e sinceramente ironica. . . .

A pequena autonomia do calouro residia na vaia. A vaia era propriedade exclusiva do calouro.

Foi-se a vaia, sumio-se a importancia d'elle.

Sem valor, sem personalidade, sem voz activa, o calouro é um espantalho; não é gente, não representa papel senão nas manifestações acompanhadas de musica e foguetorio.

Só se conta com o calouro para as assignaturas em que é preciso dar dinheiro.

O calouro vendo-se isolado n'aquelle

meio, começa por experimentar raiva surda, profunda contra os veteranos que o desprezam sem razão.

Essa raiva que se apossou d'elle voluntariamente nunca mais o deixa até receber a borla e o capello. Ha, porém, uma differença. Quando primeiro annista o calouro odeia; do segundo anno por diante elle — despreza.

No primeiro anno invejava os estudantes de anno superior; nos annos superiores elle julga perder o seu prestigio dando attenção aos collegas collocados inferiormente. E' d'esse jogo de sentimentos contrarios e egoisticos que nasce o indifferentismo, o orgulho, a soberbia de muitos dos Srs. academicos de medicina.

Quando era simples primeiro annista, o calouro via-se desprezado pelos veteranos. Pois bem, agora que elle está no quarto anno não precisa mais da consideração: envolve-se n'uma nuvem de orgulho, cresce-lhe o coração n'uma hypertrophia de pouco caso pelos collegas e por tudo quanto esses collegas dizem ou escrevem, fazem ou projectam.

O que querem? o vicio é antigo, vem muito de traz, de muito longe. Quem fôr capaz que transforme aquillo lá dentro! Havia de esmorecer, esse ousado reformador, em menos de oito dias de luta constante e ininterrompida.

O individuo mais bem organisado physica, moral e intellectualmente; o moço mais cheio de vida, de alegria, de aspirações, morre lá dentro infallivelmente de tedio e de nostalgia

O calouro, assim como não teve culpa da má direcção que lhe deram os seus primeiros mestres, assim tambem não é responsavel pelo que tem de ser aqui, na academia.

No fim de muito poucos mezes, o calouro que era prazenteiro, risonho, jovial; que sabia comprehender o *savoir vivre*, apanha a peste que grassa endemicamente n'aquella escola: torna-se triste, casmurro.

Pois si elle lá só vê gente assim!

***

O cadaver—é a primeira cousa que chama a attenção do calouro.

Aquelle corpo frio, hirto, secco como uma enguia, com uns olhos vidrados fixos na eternidade, tendo no canto dos labios uma espuma secca e amarellada, com a boca entreaberta como si fosse a proferir uma ultima blasphemia, é um escarneo que a morte, zombando da sciencia que o calouro deseja ardentemente aprender, atira-lhe á face.

Ha uma attracção irresistivel que arrasta esse individuo moço, imberbe, cheio de doces illusões, exhalando ainda a tepidez da infancia, para aquelle velho calvo, desdentado, amarello que alli está estendido em uma meza de marmore frio, a rir-se escarnecedoramente, ameaçadoramente.

O moço vae attrahido por essa fascinação do desconhecido; pensa que os labios cerrados d'aquelle morto vão se abrir para narrar-lhe os mysterios d'além tumulo ou para ensinar-lhe o segredo da vida longa; estende a mão onde corre o sangue quente dos 16 annos e toca com as pontas dos dedos na pelle fria, coberta de um suor viscoso, do cadaver.

E' como se fôra um choque de 64 pilhas. O moço retira apressadamente a mão.

Ah, mas aquelle frio de morte, aquella humidade que distilla dos póros sem vida penetraram-lhe no sangue!

E esse contacto do frio glacial da morte tem quasi sempre como resultado—a descrença!

O moço começa a descrer um pouco. Para elle já o horisonte não é tão limpido, já a atmosphera não é tão pura. Uma nuvem occultou-lhe muitas estrellas que fulguravam no firmamento azul de seus pensamentos e de sua fé; no ar esvoaçam umas aves negras e parece-lhe ter ouvido, ao contacto d'aquelle cadaver, o piar funebre e prolongado da coruja.

Quantas vezes o moço deixa de estudar medicina só por esse simples episodio da vida academica!

E isso é nada em comparação ao que tem de ver mais tarde.

***

A vista d'esse cadaver que se lhe apresenta logo ao sentar-se pela primeira vez nos bancos academicos, tira ao moço uma

crença e dá-lhe outra em substituição á primeira.

Elle crê profundamente na materia e só na materia.

Mas como? porque meios elle adquirio essa crença?

Ou foi levado a isso não simplesmente pelo espectaculo da morte, mas por uma direcção logica dada ao espirito pelo estudo; ou então o foi simplesmente pelo espectaculo da morte e então o moço—bestialisa-se.

No primeiro caso, o jovem esquece as crenças bebidas no berço, mas uma crença mais firme, mais solida, mais scientifica substituio a primeira.

Para elle a vida é, então, um circulo. A pedra, a arvore, o homem ligam-se para formar esse circulo. O rei da creação, a « imagem da divindade » não é para elle senão o resultado de uma longa e ininterrompida evolução; evolução lenta, vagarosa mas completa.

As causas d'essa evolução, que da materia — pedra fez a materia — homem, residem na — força — que é immanente á mesma materia.

Não houve necessidade para que o planeta Terra se consolidasse, para que o féto (planta) surgisse, para que o mastodonte uivasse nas selvas e para que o homem lascasse a pedra, não houve necessidade para isso da intervenção activa de um poder intelligentissimo e creador.

O sobrenatural desapparece.

A sciencia substituio-o. E a sciencia explica todos os phenomenos, elucida quasi todos, si não todos, os problemas..........

E a religião de nossos paes ?

E a moral ?

A religião de nossos paes, respeitemol-a, diz o moço. Ella é para nós duplamente veneravel ; primeiro, porque era ella que alentava nossas mães ao embalar-nos carinhosamente no berço, era ella que animava nossos paes quando vinha o enfraquecimento na luta quotidiana, para nos dar o pão para a boca e o pão para a alma.

Depois, a religião de nossos paes foi quem estabeleceo a egualdade, a liberdade e a fraternidade entre os homens ; foi á ella que se deveram os mais vigorosos impulsos dados á civilisação.

A moral! a moral não baquêa desde que a sciencia toma o logar do sobrenatural. A moral christã que é a mesma, mais ou menos, de todas as religiões, encontra na sciencia um apoio solido, um esteio firme. Não temos necessidade de receiar o inferno para procedermos de accordo com a nossa consciencia de homens de bem; não ha necessidade da apparição do juizo final, apparatosa como uma magica de theatro, para que sejamos bons, justos e honestos.

A idéa do bem e a do justo, são-nos ambas fornecidas por nossas mães primeiro; mais tarde avigora-as a sciencia, a mestra do raciocinio.

***

Eis como pensa o moço materialista, mas materialista — philosopho e não materialista — *quand même*. Para o primeiro o — bello—existe tanto como o —bem—.

Para o segundo, essas duas estrellas que devem scintillar sempre em nosso espirito, são substituidas pelo egoismo, pelo despreso a tudo.

Para o primeiro as flôres e as luzes do espirito não desappareceram no desastre da crença theologica.

A' liturgia de Roma succedêo a religião universal; ao cataclysmo que sepultou-lhe n'alma as concepções mysticas que elle não comprehendia, succedêo a aurora boreal de uma nova fé que elle sabe explicar e sabe comprehender.

Uma crença que cáe e uma nova fé que se alevanta, cream sempre na alma um estado de vacillação e de incerteza que póde durar mais ou menos tempo. Si se tem o espirito forte sáe-se robustecido da luta; si se o tem fraco nunca mais que a convicção se estabelece; paira no cerebro como que uma nuvem de loucura que póde produzir o suicidio.

Para o segundo caso que figurei, para o moço que adopta uma doutrina como se adopta uma bengala — por moda — por faceirice — o mundo resume-se n'esta palavrá—sensualismo.

Ha um outro estado do espirito que nasce da comprehensão falsa d'essa theoria philosophica — o indifferentismo pelas cousas

respeitaveis, o scepticismo em materia de sciencia e de arte.

O indifferentismo é a traça do espirito. Róe-lhe a pouco e pouco, surdamente, insidiosamente até a mais diminuta particula dos sentimentos bons. Nivela á besta o homem; põe a intelligencia abaixo do instincto!

O moço calouro é quasi sempre sceptico; é quasi sempre materialista — por moda. Bem sei que ha excepções, e honrosas, mas aqui falla-se em these geral.

Esse scepticismo que o invade paulatinamente fal-o desconhecer certas superioridades, certos talentos.

Elle ouve fallar de algumas pessoas como seres de intelligencia privilegiada; gosta de apreciar uma boa producção artistica ou uma erudita discussão de philosophia ou de historia; aprecia ainda um bom drama ou uma boa poesia; interessa-se ainda pela politica e é quasi sempre democrata.

Mas, embora experimente e sinta tudo isto, já não tem elle mais aquelle enthusiasmo que apoderava-se d'elle antes de vir sentar-se nos bancos da academia. Admira,

é verdade, mas teme revelar a sua admiração; crê, na realidade, em alguma cousa, mas affirma a si proprio que não crê em cousa alguma.

E essa duvida abate-lhe cada vez mais a alma. A luta dos sentimentos que veem espontaneos, surgir-lhe á flôr dos labios esboçando-lhe um sorriso nas faces, a luta d'esses sentimentos com a necessidade de collocar no rosto uma mascara de aço, de sellar os labios com una placa de chumbo— paralysa-lhe as faculdades, chumba-lhe o ardor da mocidade pelas cousas bellas e boas.

O calouro vê-se a braços com um novo *eu* que vem substituir o *eu* antigo e que dentro em pouco supplanta-o.

Do segundo anno por diante o calouro torna-se veterano; o *bicho* deixou completamente a *casca*.

Agora sim; o academico sente-se mais livre, tem os musculos mais rijos, as articulações mais moveis. Parece-lhe que se lhe tiraram de sobre o peito 20 kilos de mercurio. O ar penetra-lhe mais profundamente nos pulmões e o sangue circula-lhe

mais activamente nas arterias. O primeiro desejo que o invade ao penetrar no 2º anno é vingar-se nos calouros de hoje dos soffrimentos por que passaram os calouros de hontem.

Vinga-se a farta.

Saciado esse desejo, o segundo annista engolfa-se no estudo ou submerge-se na vadiação. A maior parte das vezes escolhe a segunda occupação.

O segundo annista vai a Phenix, aos sabbados, lê os folhetins de Hop-Frog, assiste ás discussões na camara dos Srs. deputados, fuma cigarrinhos turcos e todas as tardes vai ver a *pequena* á quem escreve bilhetesinhos sentimentaes, cheios de oh! e de ah! e de erros de grammatica, isto é, *(honni soit qui mal y pense)* sem syntaxe e sem orthographia.

O segundo annista é o mais feliz, o mais alegre, o mais espirituoso dos academicos. Pensa elle que o segundo anno marca na sua trajectoria pela orbita academica um ponto de luz: suppõe poder diagnosticar, formular, clinicar. Doce illusão! O sexto annista tem certeza de que não sabe cousa

alguma; o segundo annista pensa nada ignorar. E

N'esse engano d'alma ledo e cego

o segundo annista vê correr o tempo com uma *monch dance* inteiramente fradesca.

Com a ascenção ao terceiro anno o academico entra a fazer parte do batalhão dos—Urubús do Hospital.

Eil-o ahi a revestir-se de uma gravidade comica, a usar de uma mimica grotesca e de uma phraseologia empolada como pipocas dos termos impossiveis da technologia medica!

O terceiro annista, nos mezes de Março e de Abril, não deixa de ir um só dia ao hospital.

E' a novidade!

Vai sempre ouvir as lecções de clinica cirurgica, as quaes, na maior parte das vezes, elle não entende.

Ouve fallar da etiologia, da pathogenia, da symptomatologia, do diagnostico de uma affecção cirurgica e fica *in albis*.

Não entende nem póde entender o que ouve. Faltam-lhe as bases para uma comprehensão clara e para um raciocinio

exacto. Em Março, o terceiro annista nem siquer sabe o que quer dizer—etiologia—e ouve invocarem-se centenas de causas para a explicação de um facto morbido; ignora o que seja—pathogenia—e ouve discutir-se uma multidão de theorias, ouve citar-se uma immensidade de nomes que para elle passam como um sonho.

Vê praticar-se uma operação qualquer, a dilatação de um abscesso, a ligadura de uma arteria, a resecção de um osso, o esmagamento de um calculo vesical, por exemplo, mas não sabe quaes são as regras que presidem a essas operações, ignora os processos propostos para a execução d'ellas.

Vê receitarem-se diversos medicamentos, vê empregarem-se diversos apparelhos, mas não sabe o que são esses medicamentos em si, de que modo vão actuar no interior do organismo, quanto tempo é necessario para serem absorvidos e por que vias se deve fazer a eliminação d'elles; quanto aos apparelhos, o terceiro annista assiste á applicação mas ignora as cautelas que se devem observar, os accidentes

que podem sobrevir, as regras que se devem seguir para que esses apparelhos deem bom resultado, produzam uma cura radical.

E eis ahi, dando-se com o academico terceiro annista de medicina, o mesmo que já se dera com o *bicho* estudante de preparatorios, no collegio. Elle estuda, mas não póde comprehender o que estuda; elle vê, mas não sabe explicar o que vê.

Continúa a falta de methodo, a ausencia da logica na direcção intellectual do espirito do moço. E então, ou elle desanima, o que é pessimo, ou continua a estudar, o que sempre é melhor.

Mas, quer desanime, quer não, o scepticismo que o invadira ás portas do primeiro anno, se accentúa. A seus olhos a tragedia clinica, a cujo prologo e a cujo epilogo elle assiste todos os dias nos leitos do hospital, desenrola-se acto por acto, scena por scena, sem que o commova, sem que o attraia.

E' que essa tragedia é representada n'uma lingua que elle não entende, é que as peripecias são mudas, passam-se lá dentro, nos bastidores do organismo

doente, e não ha quem tenha a paciencia de explicar-lhe tudo quanto elle ignora.

No quarto anno o academico começa a soffrer da vista. Usa oculos. Deixa crescer a barba; tem já aquelle olhar soturno que assignalei como proprio aos — Urubús do Hospital.

E', geralmente, o anno dos pedantes. São as vezes insupportaveis os quarto annistas.

Em parte teem razão.

E' n'esse anno que o horizonte da medicina começa a mostrar-se ; é n'esse anno que o academico vae comprehendendo o porque de muita cousa que até então tinha visto como — um boi a olhar para um palacio.

O quarto annista, em geral, não vae ao hospital ; deixa isso aos collegas de anno immediatamente inferior.

No terceiro anno o academico vae ao hospital levado pela novidade, mas não *pesca* cousa alguma do que lá vê e ouve ; no quarto anno, quando tem elementos para apreciar um diagnostico bem feito, não vae lá.

O quarto annista só falla em forceps,

embryotomia, posições e apresentações do féto humano, ankyloses, aneurismas, causas da febre amarella, pathogenia do beriberi e diagnostico differencial das febres eruptivas.

Só vê molestias, só sabe conversar sobre molestias.

No quinto anno apodera-se do academico o cançaço, o enfastiamento.

Elle cança, mas, alem d'isso, perde muita illusão que ainda tinha; sente-se enfastiado e as vezes perde — o appetite.

Essa perda de appetite é de uma significação funesta: denota que o quinto annista soffre de dyspepsia.

E' que a vida academica assimilha-se á de um individuo. A principio só ha risos e aspirações — é a mocidade; depois vem o amadurecimento dos pensamentos com o adiantamento nos estudos — é a virilidade; afinal apparece o enfraquecimento, os males do estomago, os desarranjos da digestão, o abatimento mental — é a velhice.

O academico, ao chegar ao sexto anno, está velho, imprestavel.

A histologia e a pharmacia—mataram-no!

***

Está completa a evolução.

Eis ahi como um moço que se matricula na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro perde, uma por uma, as petalas coloridas e frescas que aformoseavam o jardim de suas illusões!

Eis ahi como um ente dotado de cerebro, de coração, de systema nervoso, deixa de pensar, cessa de amar, esquece-se de sentir.

Eis ahi como um ser que se vê em plena primavera, na aurora da existencia, ao despontar do sol da vida, sente n'alma um frio polar que lhe tolhe os movimentos expansivos e affectivos do espirito, que o prostra no leito da descrença!

Eis ahi como um moço se torna velho aos 20 annos; como um homem muda-se em um animal qualquer.

Eis ahi, emfim, como o calouro transforma-se e fica sendo a ave que vive dos despojos dos grandes ruminantes, fica sendo o—urubú do Hospital.

Deixemos agora o individuo e chamemos á barra do jury critico a collectividade: deixemos o organismo—um e dissequemos o organismo—muitos; abandonemos a analyse psychica de um só individuo e façamos a autopsia do corpo complexo; larguemos de mão o academico e assestemos o binoculo para a Academia.

***

Quando diversos individuos se reunem para um fim determinado e se conservam reunidos pelo longo espaço de 6 annos; quando um individuo toma um commodo n'uma casa onde moram varios outros e fica entre esses outros durante seis annos consecutivos, é naturalissimo que, em ambos esses casos, se estabeleça entre elles um laço de sympathia, uma concordancia mais ou menos perfeita.

O contrario, si se désse, tornaria a vida insupportavel, introduziria a discordia e a separação ou, si esta fosse impossivel, daria em resultado a hypochondria com todo o seu sequito de tristezas e de afflicções.

E' de suppor-se que si esses individuos forem moços de 18 a 20 annos, si estiverem no periodo da vida em que as ligações são promptas, como affirma Victor Hugo, em que todo o sér respira sympathia, amizade, despresumpção, candura, é de suppor-se, digo, que os laços de sympathia, si não de amizade, façam d'elles um individuo só.

Entretanto, na faculdade de medicina do Rio de Janeiro reina a mais completa isolação, existe mesmo a mais bem acabada discordia, a mais fria indifferença.

Não se sabe ahi o que seja o *collequismo* que existe na faculdade de medicina da Bahia, nas faculdades de direito de S. Paulo e de Pernambuco, nas escolas de marinha, militar e polytechnica.

Os individuos aqui são cellulas isoladas e quasi sempre heterogeneas.

Não se consideram, não se respeitam, não se estimam.

Quando muito, os estudantes do mesmo anno comprimentam-se com alguma amabilidade.

Quando se vio, na faculdade de medicina do Rio de Janeiro, um sexto annista apertar

amigavelmente a mão a um collega do primeiro anno?

Quando se vio um quarto annista ouvir com respeito a opinião muitas vezes sensata de um estudante do segundo anno?

Cada um trata de si, o que já não é pouco.

D'esta desunião, d'esta desharmonia entre os estudantes de medicina procede o abatimento moral da academia.

Diz-se que uma academia tem vida, sabe sentir, sabe pensar e sabe agir quando os symptomas d'essa acção, d'esse pensamento e d'esse sentimento se revelam ao exterior.

Quaes são os dous meios, os principaes, que denotam a vida de uma academia?

— A imprensa e a tribuna academicas.

E' ahi, n'essas duas arenas incruentas e cheias de luz, que o moço póde provar a sua intelligencia, póde mostrar as suas aptidões intellectuaes.

E' empunhando a penna ou esgrimindo-se pela palavra que elle mostra a robustez de seu talento, o poderio inquebrantavel de sua vontade. Tirem da academia a imprensa e a tribuna, o jornal e as associações litterarias, resta só um meio para indicar que

alli dentro movem-se entes vivos, e esse meio é—a manifestação pelas ruas com musica e foguetorio!

A — manifestação — como expressão de vida, obedece a duas forças; uma moral, psychica; outra material, corporea. Uma devida a um sentimento nobre; a outra produzida por uma sensação — de fome.

O cerebro e o estomago, o coração e os intestinos, taes são os orgãos de cujo jogo resulta a — manifestação.

Ninguem contesta que seja extremamente sympathico esse movimento espontaneo que leva um homem a dizer a outro que o estima, que lhe é agradecido e que, para prova, toma a liberdade de lhe offerecer este ou aquelle mimo. Até ahi, sim senhor; a manifestação tem um caracter moral, tem o cunho de um bom sentimento.

Mas querer um homem provar a outro que o estima, que o considera, e para isso fazel-o gastar bem bom dinheiro em garrafas de champagne, de cognac, de Sauternes, em perús recheiados, em empadas de camarão com palmito e em duas duzias de pães-de-ló dos anjos; querer provar um

homem a outro que o estima e ter, para isso, de segurar em lanterninhas alluminadas por um toco de véla de sebo, ir pelas ruas a gritar como um possesso, cercado de moleques e de vagabundos, com um espalhafato de foguetes e de bombas, soltando vivas! á liberdade do ensino e á liberdade da pandega—isso não!

Tudo quanto é espectaculoso perde por isso mesmo o caracter d'aquella boa e cordial sympathia que se revela principalmente nas pequeninas cousas, que se patentêa sem espalhafato e sem foguetes.

Depois, além do espectaculo fornecido gratuitamente pelas ruas á Sua Santidade o Publico, a necessidade em que collocam o *manifestado* de fazer uma despeza fabulosa, condigna do barulho que lá vem ao longe, em fórma de troça, tocando uma walsa da Mme Angot ou um lundú mineiro!

Ás vezes o pobre homem tem mulher e filhos; a mulher precisa de um vestido de seda, os filhos têm necessidade de botinhas, de chapéos, de paletots e.... o dinheiro que elle tinha disposto para satisfazer essas necessidades urgentes, tem de gastal-o em

cerveja, em lombo assado e em sandwichs do que nem a mulher nem os filhos gostam!

E' uma barbaridade.

Muitas vezes o *manifestado* ha de dizer lá comsigo:

— Para que diabo nasci eu intelligente e quem me mandou dar provas de talento? N'esta terra o talento não dá pão, e o pouco que dá vêm-nos tirar, dizendo-se-nos que querem *manifestar* a sua admiração!

Bem boa moda esta de dizer-se a um homem que se querem comer bons roastbeefs: «Tu és um grande sabio; tu és o valente propugnador das grandes reformas; tu nos tens dado mil motivos de admiração —venha de lá uma ceia para 600 pessoas, ande. Não nos podes negar isto, esta ninharia, tu que és o homem mais colossalmente talentoso d'este seculo.» A *manifestação* acaba-se n'uma noite e o dinheiro que gastei com ella, ganho-o em 365 dias!—

Eis como ha de pensar o *manifestado*, ao dia seguinte, quando vir copos quebrados, manchas de gordura pelo chão, pontas de cigarro nos tapetes e — oh! escarneo da sorte! — um leitão, um formidavel leitão

assado e intacto, com palitos e rodelas de limão azedo, a mostrar as duas fileiras de dentes brancos e pequeninos n'um riso de pouco caso!

***

A Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro tem se visto ultimamente atacada de um mal desconhecido, terrivel que parece ter tido por berço as margens do Ganges ou as proximidades de Salamanca.

Intitula-se o mal: Manifestaçãosite-ou-Gastro-cardio-cerebro-colite dos medicos chins e japonezes.

E' uma molestia que vem preguiçosamente, ataca primeiro um individuo. Esse individuo anda pela academia triste, abatido preoccupado, com os sobrecenhos cerrados, tosse, espirra, experimenta borborygmos intestinaes, cephalalgia, insomnia e flatulencia.

Depois de uma incubação que pode variar de 24 a 48 horas, o individuo atacado chega-se a um individuo são, levando na mão uma folha de papel em branco e um lapis de Faber.

Diz-lhe ao ouvido um segredo, suspira, olha para o céo, junta as mãos n'uma attitude seraphica.

Ve-se logo o individuo são invadido pelo mal cujo primeiro symptoma é a tristeza.

Este ultimo individuo toma o lapis da mão do primeiro e escreve, febrilmente, nervosamente, na folha de papel em branco, um nome e uma quantia.

O nome é a expressão de sua individualidade como homem ; a quantia é a expressão de sua individualidade como —estomago e intestinos.

A epidemia lastra com uma rapidez espantosa. Dizem os especialistas que se têm occupado com esta molestia, que a epoca do mez em que se observa maior numero de victimas é do dia 1 ao dia 10.

Porque ?

Desde que a folha de papel em branco fica coberta de nomes e de quantias, annuncia-se pelas folhas diarias :

« Os estudantes de medicina preparam uma manifestação ao Sr. X., em tal dia e as tantas horas. ».

Traduzindo-se isto para portuguez claro, deve-se ler:

« Os estudantes de medicina participam ao Sr. X. que hão de ir-lhe lá á casa, em tal dia e ás tantas horas, levando o enthusiasmo gritado por muitas bocas e soprado em muitas cornetas. Pedem ao Sr. X. o favor de lhes preparar qualquer cousa que se coma e de ter no *buffet* algumas duzias de garrafas de champagne e outras tantas de cerveja Carlsberg.

No mais, os estudantes de medicina desejam saude ao Sr. X., ao menos até o dia em que devem lá ir ceiar. »

Feito o annuncio, marcado o dia, designada a hora, está tudo prompto.

No dia da manifestação reunem-se todos n'uma das salas da academia.

Fazem um barulho infernal; uma algazarra de todos os diabos.

No meio da gritaria, entra um com os braços abertos suspensos no ar, como o —urubú— ao levantar o vôo.

Ouve-se um scio! prolongado e repetido.

O *urubú* sobe para um estrado, livra-se

de um pigarrozito que podia embaraçar-lhe a eloquencia e diz:

— Senhores! Este negocio é muito sério! (Bravos! apoiados.)

Vozes:—Continue. Vae muito bem.

O orador limpa o suor que começa a escorrer-lhe da testa, e continua:

— Dizem que as bandas de musica já estão a chegar (applausos.)

— Os foguetes é que eu não sei se darão fogo... (oh! oh! ouvem-se alguns soluços)... mas isso é lá com o Chico e com o Manduca que estão encarregados de soltar as bombas e os traques (riso).

Uma voz:— Bem se podiam dispensar os traques (hilaridade).

O orador:— Não senhor! isso seria um crime de lesa-praxe.

Vozes:— Muito bem!

O orador:— Agora, senhores, ao descer d'esta tribuna (devia dizer—estrado) só desejo que o enthusiasmo que vejo a luzir em vossos olhos, se transforme em mil vozes que, todas, repetirão a uma:

Viva a manifestação! Viva o ensino li

vre! Viva o chá com torradinhas de manteiga!

Todos:— Viva! Vivaaa!!

A este Demosthenes moderno segue-se um Cicero tambem moderno.

O orador:— Senhores! Si seguirdes, na marcha tetrica e encyclopedica dos seculos, o desenvolvimento dos sentimentos bombastico-cruciantes da humanidade, heis de ver que já no tempo de Diomedes se faziam manifestações.

Uma voz: — Quem é esse Diomedes?

Outra:— Deixe fallar o orador!

Terceira voz: — O orador não diz nada de novo. Eu tenho lá em casa um livro comprado no Cruz Coitinho em que se falla d'esse Archimedes.

A segunda voz: — Qual Archimedes, senhor! nem meio Archimedes!

A terceira voz: — Archimedes sim senhor. Archimedes, rei da Suecia. (hilaridade prolongada scio! scio! attenção!)

O orador— (assoando-se): — Senhores, o meu illustrado collega que me precedéo n'esta *ágora* disse que não sabia si os foguetes darão fogo... Por elles respondo

eu. O que me parece, senhores, é que as velinhas illuminativas dos variegados *flambeaux* estão muito *concisas* (apoiados; muito bem).

Uma voz:— Alli na venda da esquina *tem* umas que eu vi.

O orador :—Não importa! com *flambeaux* ou sem *flambeaux* invistamos de fronte erguida para o fim que nos congregou aqui.

Si não tivermos *flambeaux* accendamos no peito uma pira em cuja substancia ignea lançaremos os pós impalpaveis e mellifluos do nosso enthusiasmo pedagogico!

Vozes : —Bravos! Bravos! Isso é que é discurso, o mais é historia!

A rapaziada applaude freneticamente pelo simples facto de não ter entendido semelhante algaravia.

Alguns resmungam : — Que formidabilissimo pedante!

Feitos outros discursos mais ou menos no gosto dos dous que ahi ficam para a confusão eterna dos Thiers, dos Gambettas, dos Favres e de outros, rompe a *marche aux flambeaux* ao som dos pifanos e dos bumbos.

No dia seguinte ouve-se disto:

— Fulano *ficou na tinta.* Sicrano entornou vinho na toalha. Zebedeu teve um collapso.—

E outras apreciações feitas na mesma clave e com o mesmo numero de sustenidos e de bemóes.

O que é que dá motivo a estas *manifestações?*

Qualquer cousa.

Fulano entrou em concurso e não tirou o logar?

— Manifestação.

Fulano entrou em concurso e obteve a cadeira?

— Manifestação.

Fulano caio do bond e quebrou uma perna?

— Manifestação.

Não quebrou a perna?

— Manifestação.

Sicrano foi roubado?

— Manifestação.

Sicrano roubou?

— Manifestação.

Manifestação por sim e por não, por *fas* e por *nefas*, por *to be or not to be!*
E' o cumulo!

* * *

Dizia eu que os dous signaes inequivocos que patenteam a vida de uma academia são: o jornal e a tribuna.
Esses dous signaes faltam á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.
Desde que me matriculei, em 1877, até hoje, publicaram-se na academia os seguintes jornaes:
Revista do Instituto dos Academicos, *A Nebulosa*, *Revista Academica*, *União Academica* e a *Revista do Gymnasio Academico.*
Este ultimo é o resultado da fusão da *Revista Academica* e da *União Academica.* E' o unico que *parece* não ter morrido ainda.
Os outros morreram ao nascer.
Do primeiro eram redactores os Srs. Julio Diniz, Franklin de Lima, Lima e Castro, Belisario Augusto e Luiz Navarro, todos formados já.

A Nebulosa era redigida pelos Srs. Nabuco de Araujo e Simpliciano Braga.

A *Revista Academica* tinha como redactores os Srs. Alvaro Alberto, Pedro Nolasco e Fonseca Jordão.

A redacção da *União Academica* compunha-se dos Srs. bachareis Senna Campos Junior, Alfredo Gomes e Agostinho de Araujo.

Finalmente, os redactores da *Revista Academica* hoje, em Agosto de 1881, são os Srs. bachareis Senna Campos Junior, Alfredo Gomes e Abelardo Costa.

A *Revista do Instituto dos Academicos*, como seu nome o indica, era orgão da sociedade *Instituto dos Academicos*.

Appareceram só dous ou tres numeros d'esse jornal.

Foi pena. Os mais bellos talentos da academia, n'aquelle tempo, firmavam alli o seu nome.

Artigos bem elaborados e alguns lavrados primorosamente illustravam as columnas da *Revista do Instituto dos Academicos*.

Infelizmente, porém, os redactores tive-

ram de lutar com uma difficuldade tremenda: a falta de assignantes.

Da *Nebulosa* nunca li cousa alguma. Morrêo tambem ao segundo ou terceiro numero, victima da mesma enfermidade que levou d'esta para melhor a sua irmã mais velha, a *Revista do Instituto.*

A *União Academica* foi, de todos, o jornal que mais longa vida teve; *parece* mesmo que ainda não morrêo pois que, com a *Revista Academica*, é representada hoje pela *Revista do Gymnasio Academico.*

A vida *extraordinariamente* dilatada que teve a *União Academica* foi devida, em primeiro logar ao talento, á energia e á perseverança dos tres redactores; depois os assignantes das outras academias, si bem que em pequeno numero relativamente aos da escola de medicina, auxiliaram a conduzil-a atravez das ondas por demais calmas do indifferentismo.

A *Revista Academica* enchia as suas paginas de extractos das lecções professadas pelo Sr. Conselheiro Dr. Torres Homem, de resenhas de jornaes estrangeiros e de compilações de compendios.

Entretanto, cousas originaes e boas podiam dar os redactores d'essa folha, dous dos quaes eram de provado talento.

D'esses dous, um, o bacharel João Baptista da Fonseca Jordão, falleceo victima de uma tuberculose pulmonar. Era um dos moços mais trabalhadores e mais intelligentes da presente geração academica.

A *Revista do Gymnasio Academico* em 4 mezes publicou tres numeros!

Porque? Por falta de assignantes, ou antes por falta de pagamento das assignaturas.

A proposito d'este jornal lembra-me agora um caso que se dêo entre um estudante e os redactores, e que pode servir para o ajuizamento do bellissimo aspecto d'essa academia.

Passava esse senhor estudante, que pelo nome não perca, pelo corredor principal da escola.

Os redactores da *Revista do Gymnasio*, outros collegas e eu estavamos recostados a uma janella.

Quando esse senhor passou junto a nós,

um dos redactores perguntou-lhe com a maior amabilidade d'este mundo:

— Doutor, não quer assignar o nosso jornalsinho?

O tal *doutor* revestio-se de um ar orgulhoso, olhou para o redactor e respondéo com uma petulancia propria de um cavallo indomito:

— Quando *preciso* de jornaes recorro á Gazeta de Noticias.

Este —*preciso*— era um insulto lançado não só a nós, mas tambem á illustrada redacção da *Gazeta de Noticias*.

O redactor da *Revista do Gymnasio* fingindo não ter percebido o alcance do —*preciso*— disse-lhe:

— V. S. deve dar a cada um o que é seu. A leitura da *Gazeta* não exclue a d'este jornal e vice-versa.

— Tenho em casa muitos livros, respondêo o idiota.

Muito provavelmente esses *muitos livros* ensinam-lhe a ser atrevido e grosseirão.

Em uma palavra, o typo não assignou a *Revista*.

Ah, mas tambem foi desfructado em regra pelos collegas que estavam commigo.

Atarantado com esse tiroteio vivo de espirito que o collocava n'uma posição nimiamente ridicula, vendo-se escarnecido por aquelles a quem elle quizera escarnecer, e vendo-me calado emquanto os outros atiravam-lhe farpas agudas, que se iam gravar n'uma clave formidavelmente grande que elle trazia na gravata, virou-se para mim e disse:

— O senhor não quer tambem dizer alguma graça?

Eu nem respondi; guardei a *graça* para dizer-lh'a agora apontando-o ao mundo como um grosseirão.

***

Sociedades litterarias conhecemos apenas cinco no decurso de 1877 a 1881.

Foram o *Atheneo Academico*, o *Instituto dos Academicos*, o *Club Radical Academico*, o *Club Academico* e, finalmente, o *Gymnasio Academico*.

D'estas, duas—o *Club Radical Academico*

e o *Club Academico* tiveram a vida das rosas de Malherbe.

O *Athenêo Academico* viveo por espaço de dous ou tres annos. Compunha-se de moços intelligentes e illustrados que procuraram avivar o espirito dos demais collegas. Discutiram-se ahi importantes pontos de sciencia e os oradores si nem sempre primavam pela eloquencia, davam ao menos mostras de aproveitado estudo. A pouco e pouco as sessões do *Athenêo Academico* foram-se espaçando e sendo menos concorridas, até que um dia uma d'essas questiunculas que nada valendo transtornam tudo, atirou pelos ares a associação, como si uma bomba de dynamite tivesse estourado na sala das sessões.

O *Instituto dos Academicos* foi formado pelo grupo dissidente que se separára do *Athenêo Academico.*

Um sentimento de rivalidade presidio ao nascimento d'essa associação que só realisou umas seis ou sete sessões.

Em 1880, quando tudo tinha voltado á antiga pasmaceira, tres moços corajosos e emprehendedores sonharam formar uma

nova sociedade. E o sonho tornou-se realidade. Esses moços que sempre se têm distinguido pela sua actividade e intelligencia, são os meus amigos Senna Campos Junior, Alfredo Gomes e Agostinho de Araujo, á cuja amizade deve o meu espirito não ter sido levado pela corrente do indifferentismo e do desanimo.

Essa idéa que crescêra no animo d'esses tres valentes campeões teve, desde que foi manifestada, grande aceitação. E, seja dito em honra dos academicos e sobretudo dos meus collegas então 4º annistas, os que não a abraçaram inteiramente a ponto de se identificarem com ella, approvaram-na sem rebuço.

Entre os que mais trabalharam para a formação do *Gymnasio Academico* destacarei, além dos tres moços já mencionados, os collegas Cezar Pereira da Cunha, Antonio Francisco de Souza, Manoel José da Cruz, Alvaro Alberto da Silva, Augusto Cotrim Moreira de Carvalho, João Paes Leme de Monlevade, Manoel Clementino de Barros Carneiro, Amorim do Valle, Servulo José de Siqueira Lima, Leonel Jagua-

ribe, João Gomes da Rocha Azevedo Junior, Abelardo da Costa, Protasio Alves e, em ultimo plano, o autor d'este opusculo.

O *Gymnasio Academico* foi filho da força de vontade. Por isso tem vivido e vae em breve contar um anno de existencia. Hoje (1882) tem o *Gymnasio* dous annos de vida o que já é muito para uma associação que se fórma no seio da academia.

Programma vasto apresentou essa sociedade, logo ao nascer. Pequena parte d'elle tem sido executada.

A maior parte, porém, das boas intenções tem caido ante a pouca vontade da maioria dos collegas, alheios á sociedade. E' pena porque excellentes eram os artigos d'esse programma e brilhantissimas seriam as consequencias d'elle.

Acredito, entretanto, que o *Gymnasio Academico* ha de perseverar e ha de vencer. Emquanto a directoria tiver moços talentosos e energicos como Agostinho de Araujo, Francisco de Souza, João Gomes de Azevedo, Cezar da Cunha, Teixeira Dantas Junior, Leonel Jaguaribe, a asso-

ciação ha de singrar direita ao porto desejado.

***

E ahi estão, traçadas com inconcebivel pallidez, as linhas de contorno da grande face anemica da mocidade que se aprompta, na escola de medicina, para entrar nas lutas que o futuro, certamente, reserva a este paiz.

Os Urubús, aves negras que deliciam-se na luz quente do sol tropical, tiritam de frio embiocados no casarão informe do largo da Misericordia.

A atmosphera baça da desidia e da inanição envolve todo aquelle edificio n'uma dupla cinta de sombras.

Tudo alli é morno, triste, somnolento e funebre.

A vida arrasta-se lá dentro com o vagar pesado da obesidade, na tranquillidade estupidamente fria das phocas que, deitadas na praia, de ventre para o ar, apanham na pelle gordurosa e dura as vergastadas de um sol amortecido pelo frio das geadas,

aspirando pelas dilatadas narinas as voluptuosidades de um somno franciscano.

Que importa o dia de amanhã?

Que importa mesmo o dia de hoje?

Le monde marche—e na sua marcha fatal arrasta-nos comsigo, e ha de marchar ainda quando já nós tivermos parado na escuridão fria do sepulchro.

Que importa, pois, o resto?

Para que trabalhar, para que soffrer, para que lutar, para que sentir as lagrimas abrindo sulcos profundos na face?

Estude-se a medicina socegadamente, pausadamente, no suave aconchego de um gabinete bem agazalhado, na doce monotonia de um espirito que não tem preoccupações, que não tem receios e que não tem outros desejos além do que se resume na exterioridade da borla e do capello.

E isto mesmo entenda-se: não ha necessidade de estudar muito. Basta que leiamos o que diz um autor, basta que mecanicamente repitamos o que dizem os Srs. professores. Decidamos a escravisar a intelligencia, como já escravisámos a vontade.

A nossa aspiração total deve ser esta:

passar de um anno inferior para o anno superior, até sermos vomitados promptinhos, lisos, enxutos e frescos no mundo que nos admira e que nos ha de proclamar grandes heróes e sabios omniscientes.

Depois, logo que entrarmos na *vida pratica* vamos para a *roça* ganhar beatificamente o nosso dinheiro, ou vamos para a Europa frequentar os cafés e os *boulevards* que, vistos de cá, teem as apparencias do hospital da Misericordia e do hospital do Carmo.

Pois não é assim que se formam os grandes homens e os grandes medicos?

O que nós precisamos saber é: apparentar.

Essa é a sciencia mais difficil, mas a unica que promette uma boa messe de resultados lisongeiros para a nossa bolsa, para a nossa vaidade e até para a nossa—gloria.

E é para aprender essa sciencia que os Urubús do Hospital agglomeram-se em redor do leito de um doente, ou vão ás aulas theoricas onde procuram sentar-se nos bancos *da frente* para que o professor (que as vezes é myope) os enxergue bem distinctamente.

O afan que mostram os Urubús acercan-

do-se dos leitos dos doentes, a seriedade e attenção que fingem nas aulas, *bem na frente* do professor, querem dizer isto :—os urubús querem ser approvados *com distincção* nos exames de fim de anno.

Não quer dizer outra cousa.

E infelizmente a vaidade dos Snrs. lentes (quem não a tem ?) dá razão aos Urubús.

SS. SS., nas notas que dão ao estudante nos exames, regulam-se muito pela circumstancia inteiramente material da frequencia que o examinando mostrou durante um anno.

De modo que basta que um individuo tenha a imbecilidade automatica de um estafermo para decretar-se-lhe um diploma de merito n'um certamen da intelligencia !!

Dir-me-hão que estes argumentos não teem razão de ser, hoje que o ensino livre vigora.

Engano ! Todos nós sabemos o que são as leis em nossa terra, o que ellas valem e significam.

Hoje não ha *ponto*—é exacto. Mas os olhos do professor substituiram o lapis fatidico do bedel.

O estudante sabendo d'isto quer-se fazer notado por sua assiduidade, já que o não póde ser de outra fórma....

Sem duvida que ha numerosissimas excepções ao que acabo de dizer nas ultimas linhas, mas as excepções não infirmam a regra.

***

E para prova de que no meio dos Urubús ha aves que planam no horizonte azul do talento, basta que, summariamente, passemos em revista a personalidade litteraria de alguns moços que, apezar dos pezares, mostram-se dignos do paiz que os vio nascer—trabalhando, e da sciencia que os acolhe—destacando-se pelas proprias idéas e pelos fructos do talento.

***

Dispensamo-nos de ennumerar os que se teem revelado como intelligentes cultivadores da sciencia de Hippocrates.

Este opusculo é mais litterario do que

scientifico — si consentirem que elle seja litterario (do que eu duvido um pouco).

Desculpar-me-hão, por isso, os collegas si os não cito e se não entro aqui na analyse critica dos trabalhos ou, melhor, dos artigos que teem saído de suas pennas e que, não poucas vezes, são anonymos.

Entre as bellas organisações cerebraes que se occupam só e exclusivamente da medicina, sou, porém, forçado a destacar e a pôr muito em relevo o nome de Fernando Agostinho de Souza Araujo (1).

Este moço que tem, reunidos, os dotes moraes e intellectuaes precisos para que se constitua uma individualidade distincta, é um dos mais esforçados e valentes athletas que só quebram armas pela religião de Esculapio.

E não é só isso.

Foi elle um dos poucos que souberam elevar a imprensa academica a um certo grau de valor moral.

Foi elle que, com Senna Campos Junior e Alfredo Gomes, prophetisou a união de

(1) Actualmente (1882) medico.

todas as academias que realmente uniram-se mais tarde n'uma aggregação ephemera para consagrar a personalidade de um talento patrio que vinha da Europa coberto de louros.

Como prophetisou Agostinho de Araujo essa união?

Fundando um jornal a — União Academica—, e trabalhando activamente para realisar a utopia que formava o titulo de seu jornal.

Fernando Agostinho de Souza Araujo, além de ter um bello interior de craneo, tem o coração forrado de excellentes sentimentos.

Creio que basta dizer isto para dar a Agostinho de Araujo a millesima parte do que elle merece. Sinto só não ter no bico da minha penna Mallat um brilhante sem jaça para projectal-o em irradiações de luz, sobre a physionomia sympatica d'esse moço.

*
* *

Alvaro Alberto da Silva (1).—Ha de ser provavelmente, um dia, uma das glorias da medicina brazileira.

Ainda no 2º anno Alvaro Alberto publicou, em folheto, um estudo sobre o mecanismo da respiração—estudo que não foi acolhido como devêra ser.

N'esse folheto o autor examinava todas as theorias propostas até então para a explicação dos phenomenos que se dão durante o acto respiratorio.

De então por diante, Alvaro Alberto distinguio-se sempre pelo aferrado apego á sciencia medica e é considerado como um dos mais intelligentes e dos mais trabalhadores entre os que mais trabalhadores e mais intelligentes se teem mostrado no cultivo da arte de Hippocrates.

* * *

José Simpliciano Monteiro Braga—além de ter redigido *A Nebulosa*, publicou um

(1) Actualmente (1882) medico.

folheto intitulado—Corpo Humano—quando ainda estava no segundo anno.

N'esse folheto Simpliciano Braga revela talento e estudo—duas cousas que poucas vezes se veem juntas.

* * *

Ha tempos o 6º annista Eustachio Garção Stockler (1) mostrou certas tendencias á critica, escrevendo um artigo sobre a individualidade litteraria do Sr. Ramalho Ortigão.

Ficou n'isso, porém, a esperança que nos déra o illustrado academico. Nunca mais saío de sua penna trabalho de critica (ao menos que eu o saiba).

A philosophia por um lado, o magisterio por outro absorveram em germen a propensão á critica do talentoso moço.

* * *

Como transição do grupo dos que não são poetas ou litteratos para o grupo dos que

(1) Actualmente (1882) medico.

o são, tenho a honra de apresentar-te, leitor, o meu amigo e collega de anno o Sr. Cezar Augusto Pereira da Cunha.

Este meu amigo é um d'aquelles individuos que dão ao critico mais de um problema a resolver, quando quer o critico analysal-os.

A desculpa que dão certos Urubús de não saberem escrever nem fallar, dizendo que — a medicina e a litteratura, a imaginação e a observação são cousas incompativeis, recebe na pessoa de Cezar da Cunha um desmentido formal.

Cezar da Cunha é tão medico como artista; ama tanto a sciencia como a arte: com egual vehemencia, com o mesmo ardor.

Casam-se n'elle a alma do artista e a reflexão do sabio.

Tem exclamações de enthusiasmo, alegres, retumbantes ; e sabe fallar com a convicção profunda de um fervoroso adepto de Minerva.

Admira uma bella estatua de Mercié, um luminoso quadro de Rubens com a mesma paixão com que pratica uma amputação no cadaver.

E' talvez inconcebivel, isto, mas é assim.

Em litteratura (cousa muito pouco apreciada no *matadouro*) Cezar da Cunha segue Byron, Espronceda, Musset.

E' *satanico*, no rigor da palavra.

Em sciencia é sectario de quanta doutrina arrojada apparece. E' por isso que sympathiso com elle.

Como orador, é um dos poucos que ha na actual geração academica que foge da tribuna como o gato foge da agua.

Sob este ponto de vista, Cezar da Cunha tem defeitos, e consideraveis.

Na tribuna capta a attenção do auditorio; vê-se que falla sempre enthusiasmado; parece querer admirar as proprias palavras como o esculptor que queria infundir a vida na obra de seu buril.

E' eloquente, o que já não é pouco, mas gosta muito dos termos bombasticos, empolados, das comparações mythologicas, das periphrases sonoras como um bumbo cheio de ar.

Quem ouve Cezar da Cunha fallar, dá-lhe attenção por força; mas si se fôr a analysar friamente tudo quanto elle diz chegar-se-ha

a este resultado: — fallou muito mas disse muito pouco.

Não o censuro muito por isso, antes o louvo porque esse defeito—si realmente o é—prova antes em seu favor do que contra.

Actualmente clamam todos contra a rhetorica. Parece que se apostaram em quem primeiro derrubará o *inimigo*. Entretanto, digamol-o com franqueza, os que assim procedem fazem-no pelo motivo muito simples e muito coherente de—não terem flores de rhetorica para aromatisar um discurso ou para matizar um artigo de jornal.

E' o eterno Caim em luta perpetua com Abel.

Assim, pois, eu applaudo Cezar da Cunha como orador; applaudo-o tanto mais sinceramente quanto sei que elle é despido de inveja para com aquelles que tentam egualal-o.

Como estylista tem elle os mesmos defeitos que como orador. Aqui preciso ser justo como alli, mas tenho necessidade de ser consciente.

O estylo empoladissimo e confuso de Cezar da Cunha não pede applausos.

Si no discurso de tribuna se permittem as catadupas espumosas da eloquencia, os relampagos de figuras pallidas e coloridas, horrendas e sublimes, no jornal e no livro já se não dá o mesmo.

O estylo de Cezar da Cunha é um turbilhão, uma voragem. Em a gente começando a lél-o, lá se vae ate o fim, arrastado na impetuosidade das palavras, sem se poder tomar respiração, sem se poder descançar os olhos e, afinal, quando se acaba de lel-o não se sabe o que o escriptor quiz dizer!

E' que Cezar da Cunha é d'essas naturezas vehementes, impetuosas que quebram tudo o que encontram a estorvar-lhes o caminho, sem se importarem que os que veem atraz caiam no abysmo aberto por ellas ou vão de encontro a uma barreira que ellas saltaram.

Convença-se Cezar da Cunha de que o tempo do *gongorismo* passou. E' um conselho que lhe dou, eu um dos mais sinceros admiradores de seu brilhante talento.

* * *

Bernardino de Almeida Senna Campos Junior é poeta, novellista e polemista.

Como poeta é um colibri; é exactamente um colibri.

Gosta de sugar o orvalho das flores mais viçosas e variegadas; adeja sempre n'um jardim de luz e de alegria.

A noite da alma humana faz-lhe medo; não transporta para o verso as tempestades do cerebro, não fixa na rima os combates do coração.

Canta o amor, a belleza, os seios puros, os beijos quentes, a pallidez chlorotica das donzellas, a luz tranquilla da lua, o monologo triste e lamartiniano do riacho que beija, ao passar, os seixinhos alvos de seu leito de areia.

Paira em seus versos uma tristeza suave, melancolica como a que se irradia dos olhos ternos de uma virgem entregue a brando scismar.

E' uma especie de Werther a procura de uma Carlota.

E' as vezes satyrico e dá-nos boas producções n'esse genero.

As vezes o poeta tem horas de tristeza,

de desanimo, uma especie de nostalgia por um paiz que se advinha sem se o conhecer.

Sentem-se então em seus versos as claridades dubias que prenunciam o occaso de uma illusão, o baquear de uma crença, o vergar de uma hastesinha gentil que dava coloridas flores.

Senna Campos Junior exhala n'esses momentos os perfumes calidos de sua alma terna e amante, verga sobre o tumulo de uma esperança perdida a fronte triste e abatida, deixa que se perceba no doce ciciar de seus versos como que uma evaporação dos sentimentos ternos que inundam-lhe o peito.

Consinta o amigo que, entre outras, eu escolha esta lagrima :

A CRUZ DO MEU DESTINO

Se sobre o coração estende-se a tristeza
Como amplo véo de crepe. ou funebre sudario,
Fugindo ao que sorri, na dôr que me atormenta
Eu lembro de Jesus os transes do Calvario.

A cruz do meu destino é fardo que me opprime
E desfalleço, e caio, e me reergo ainda....
Debalde vou de novo a tropeçar em urzes,
Que a hora, a negra hora, a do martyrio é vinda.

Em vão nesta agonia um Cyreneu imploro,
A cruz peza a mim só, ninguem se me approxima.
Qu'importa o pranto meu, da estrada entre os abrolhos
Qu'importa que eu me fira, ao pobre quem arrima?

E diz me voz de escarneo: Erguei-vos e segui,
Segui. que a sorte ordena, a dôr é vosso erario;
Nem penso em me deter, impelle-me o destino
E só conduzo, e triste, a cruz de meu calvario.

Onde, porém, Senna Campos Junior é admiravel é na novella e sobretudo na polemica jornalistica.

Ahi, sim; ahi póde-se avaliar toda a robustez d'aquelle talento de fina tempera; ahi podem-se admirar os quilates da preciosa gemma que o seu craneo arredondado encerra.

Na polemica travada entre a *União Academica* e Carvalho de Mendonça Junior, uma das mais bellas cabeças da faculdade de direito de S. Paulo, Senna Campos Junior elevou-se muito alto.

As proposições arrojadas e brilhantes de seu contendor, elle oppoz a argumentação cerrada e logica como um esquadrão formado em quadrado, no campo de batalha.

Era bello esse espectaculo; encantava

ver-se o tiroteio de dous talentos robustos que trocavam entre si obuzes de flores e de luz.

Senna Campos Junior servia-se de todas as armas que o arsenal da logica lhe fornecia; e, emquanto Carvalho de Mendonça Junior espargia a arena do combate com as petalas matizadas de seu estylo elegante, Senna Campos Junior transformava cada uma d'essas petalas em dardos perfumosos que enviava a Carvalho de Mendonça.

Como novellista Senna Campos Junior é dotado de uma força concepcional que assombra. Rarissimo era o numero da *União Academica* em que não vinha uma producção sua, em prosa.

As *mulheres romanticas* constituem um dos mais bellos florões de seu brazão de aristocrata do talento. Ahi revela Senna Campos Junior mais uma face da vida intellectual que lateja-lhe no cerebro, mostra que é dotado da força de observação, da precisão critica que constituem hoje o ideal do romance.

Suas novellas são estudos de costumes,

estudos quasi sempre completos e sempre verdadeiros.

Sei que Senna Campos Junior tem ineditos, um volume de poesias e dous ou tres romances.

Não pode publical-os, disse-me elle, porque é pobre e porque ninguem quereria lel-os.

E' a triste sina de quem tem talento n'esta terra!

* * *

Alfredo Augusto Gomes.— Este poeta tem na alma os vividos clarões da procella; assenta-lhe na imaginação fecunda a angustiosa imagem da duvida.

Quando se o lê parece á gente estar assistindo aos ultimos estrebuchamentos de um espirito e ao mesmo tempo aos esforços titanicos de um coração que se quer livrar do influxo oppressor de um peso de chumbo.

O poeta atira-nos em seus versos o escarneo e a duvida que se apossaram de seu espirito; ri-se da tolice humana e das crenças que embalam a criança no berço alvadio e perfumado.

O seu espirito aberto á todas as theorias modernas que se apresentam na sciencia, firma no verso as suas crenças progressistas com uns laivos de longiquo dissabor pelas crenças perdidas.

E' Buchner—poeta.

Alfredo Gomes tem a vasta comprehenção do problema sociologico e do problema individual: encara os factos sociaes e os successos individuaes com a physionomia calma do sceptico, com a imperturbabilidade do anatomista que vê pullularem nas carnes cadavericas os vermes da putrefacção.

E' republicano e é materialista. Só isto basta para provar que elle tem um espirito forte.

Nas suas poesias não se experimenta a sensação de aragem fresca que se desprende das poesias de Senna Campos Junior; não! aqui está-se mesmo no meio da borrasca.

Estrondam-nos trovões por cima da cabeça; riscam-se-nos diante dos olhos os zig-zags dos coriscos; estalam-nos ao ouvido pedras aerolithicas; verga-nos o corpo impetuoso tufão.

Sente-se estar n'um medonho cataclysmo em que os elementos concertam-se n'um unisono infernal.

Parece estar-se assistindo á creação do mundo como nol-a pintam as gravuras orientaes.

Tem-se uma sensação angustiosa, uma sensação de peso similhante a um pesadelo.

Alfredo Gomes gosta d'isto.

Agrada-lhe ver o raio rachar de alto a baixo o roble annoso que zombou da acção destruidora dos seculos; encanta-lhe ouvir o grito de agonia que solta o naufrago ao ser pela ultima vez tragado pela onda montanhosa; ri-se ao ver deslizar uma lagrima que cava um sulco profundo na face de uma mulher.

E' um sceptico.

Tem um espirito viril, forte que nada é capaz de fazer vergar.

Tem nos labios o rictus constante da ironia e do escarneo, mas o intimo tem-no elle cheio de lagrimas e de amor.

E' tal e qual Alfredo de Musset; assemelha-se muito a Byron.

No mais excellente poeta, o melhor poeta mesmo da academia.

Os seus versos ora são repassados de profunda tristeza, ora gerados em horas em que a duvida mais tortura a sua nobre alma.

Vê-se que Alfredo Gomes tem uma convicção, mas que essa convicção dá-lhe muitas horas de amargas saudades.

O numero de suas poesias é immenso. Em todas ellas admira-se o buril que as cinzelou; são todas pedras finas de primeira agua.

Não resisto á tentação de transcrever fragmentos de algumas.

REALISMO

O que és tu, vil materia? Que pretendes
Nas dobras do futuro devassar?
De que modo pretendes demonstrar
Que d'essencia divina tu descendes?

Em que factos te podes basear?
De que falsas chimeras deprehendes
As bellas utopias que defendes
A' força de perenne sophismar?

——

Eis ahi o escarneo que o poeta atira á religião. Zomba da vida futura com um riso de descrente.

Vejamos como elle conclue.

Olha, vê..... no futuro, o zero, o nada
Em torno do cadaver solidão
Da morte companheira desolada,

Despreza a phantasia; na razão,
Lá sómente se firma resguardada
A crença que partiu do coração.

Eis ahi o poeta! O zero, o nada, a solidão na morte, o esquecimento na terra e a putrefacção no céo!

Gargalhada enorme que repercute nas paredes do tumulo! immenso escarneo atirado ás utopias dos philosophos theistas!

O tumulo é o ponto final da existencia moral. Além, ha a desaggregação das moleculas que se escapam dos intersticios da terra; aquem, ha a luta da sciencia e da fé, do coração e do cerebro, da lagrima e do riso! Por sobre tudo isto paira o ether do

nada, a realidade do zero, o silencio e a solidão dos amplos espaços celestes. E, a titillar a curiosidade do homem, a duvida philosophica que se desfaz no pó impalpavel das crenças humanas!

Ouçamos o poeta descrever uma scena de orgia seguida da morte da bacchante.

A BACCHANTE

Arde em febre a orgia, a crapula soberba,
Ouvem-se gritos roucos, gritos de prazer;
Nos rostos se distingue a lubrica vertigem,
A seducção fatal, o gozo a referver.

Depois descreve o poeta a walsa infernal, voluptuosa em que

Se arrastam, s'encadeiam, ebrias, languorosas
As lindas Magdalenas, bellas peccadoras
Que aos dons Juans se prendem, doudas, amorosas

A bacchante entôa em seguida uma canção devassa. Os olhos brilham-lhe incendidos pela vertigem da volupia, os seios nús arfam-lhe descompassadamente, e da gar

ganta esquentada pelo alcool, saem-lhe uns sons gutturaes, e

... n'esse peito involto em rija carnação
Mina um germen de morte......

Esse — germen de morte—cresce-lhe a pouco e pouco no seio e, no fim de seis mezes

— O germem lhe tornara
— O peito cavernoso
— E o viço lhe murchára
— Do rosto tão formoso.

Vem depois a morte da bacchante.

E' de mestre essa descripção. A' uma vida impura devia logicamente de succeder a morte solitaria, tendo apenas no aposento em que se representa o epilogo d'essa existencia de deboche

— .... o vulto horrivel
— Da morte a voejar, pallido, lento,

A bacchante está prostrada no seu leito de morte, que fôra o seu leito de prazeres sensuaes.

O corpo que apresentava, seis mezes antes, a carnação rija, as fórmas arredondadas, os tons seductores, os requebros languorosos, está agora secco, empallidecido, reduzido ao esqueleto osseo que se desenha em linhas duras atravez da pelle humedecida pelo suor ethico.

Os olhos afundam-se nas orbitas escavadas pela molestia e disferem uma luz amortecida e baça.

As mãos até então rosadas e macias, pendem das bordas do leito, por entre um torvelinho de rendas e de cambraias, e os dedos descarnados e ossudos contrahem se n'uma convulsão de dor!

O vulto da morte caminha manso e manso... Sente-se no aposento um frio inextinguivel que o desalento espalha...

Ouve-se apenas o arquejar rouco da moribunda, o tic-tac secco do relogio, e o zumbido das moscas que sentem a morte

Lá fóra passa a festa; ouvem-se os sons alegres dos instrumentos, o riso cristallino das crianças e das virgens, os gritos alegres dos rapazes.

E, por entre as frestas das janellas, per-

cebem-se os tons quentes do sol sem nuvens, e nas arvores fronteiras chilram os passarinhos um edyllio de amor.

A moribunda nada d'isto vê; estorce-se nos braços do—vulto horrivel— ; esforça-se por sepultar no seio o sangue que surge-lhe á flor dos labios...

E o vulto pára... estende o braço

— . . . . que separa
— A vida co'um poder eterno, ingente

E a bacchante morre tendo nos labios

— A branca espuma que se assemelha a fitas.

Alfredo Gomes é, alem de poeta, novellista e philologo. Prefiro as poesias ás novellas d'este autor; estas não se prestam tanto á especie de suas sympathias.

Como philologo Alfredo Gomes é apenas conhecido por um pequeno grupo de amigos que o admiram e respeitam.

E' um dos mais valentes talentos da escola. Occupa-se ao mesmo tempo de varios assumptos, e todos os trabalhos que saem

de suas mãos de artista têm um bem acabado que admira.

Já disse que a Alfredo Gomes, Agostinho de Araujo e Senna Campos Junior se deve o melhor jornal que tem apparecido na escola.

Tres talentos de aptidões diversas, mas de força egual deveriam produzir isso mesmo.

* * *

Resta-me fallar de Thomaz Delfino dos Santos, Corrêa de Azevedo, Ildefonso de Castilho, Servulo de Lima, Sandim Junior e Anastacio Vianna.

Os tres ultimos são poetas de muito futuro mas que começam agora a *ensaiar o vôo.* Só tenho para elles palavras de animação. Recebam elles aqui o protesto de minha sympathia e os ardentes votos que faço para que o futuro encha os de glorias.

Thomaz Delfino dos Santos publicou na *União Academica* umas tres ou quatro poesias sómente. Não é possivel avaliar por tão pequeno numero de creações, o seu talento artistico.

Vê-se, porém, que Thomaz Delfino tem força de concepção e originalidade de vistas.

Occupado, como anda sempre, com os deveres sérios da profissão que escolhêo, Thomaz Delfino apenas em horas vagas faz poesias.

* * *

Corrêa de Azevedo e Ildefonso de Castilho são poetas maviosos, d'esses que «amam cantando e cantam amando».

Publicaram ambos muito poucas poesias para que se possa ajuizar de seu verdadeiro merecimento. N'essas poucas, porém, vê-se que ambos elles têm ainda as suaves illusões o amor ethereo, impalpavel dos poetas lamartinianos. Creio que têm ambos excellentes producções, mas não me foi dado o prazer de lel-as.

Si como poetas têm o que se censurar n'elles, como moços de intelligencia e de bom coração só merecem do critico um aperto de mão.

FIM